

14º COLÓQUIO SOBRE

ENSINO
DE ARTES

ANAIS

26, 27 e 28 de setembro de 2019

**Faculdade
Uniavan**
Balneário
Camboriú/SC

CRISTIANE PEDRINI UGOLINI
PRISCILA ANVERSA
(ORGS.)



SOBRE O 14º COLÓQUIO

**CONVERSAS AO PÉ DO
OUVIDO: ENSINO DE
ARTES EM
SANTA CATARINA**

O tema proposto busca problematizar as discussões advindas das mudanças ocorridas nos últimos tempos a partir do ataque sistemático às conquistas no campo da educação e das artes.

Assim, este evento concretiza-se como espaço de luta, reflexão e organização para enfrentar os desafios sociais e fundamentalmente opondo-se à precarização da formação docente implicada no modelo instrumental dissociado do papel crítico.

Comissão organizadora
14º Colóquio sobre Ensino de Artes

FICHA TÉCNICA

AAESC – Associação dos Arte Educadores de Santa Catarina

Anais do VX Colóquio sobre o Ensino de Artes

CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO: ENSINO DE ARTES EM SANTA CATARINA

DIRETORIA

Presidente: Cristiane Pedrini Ugolini

Vice-Presidente – Roseceli Martinhago Vieira

1º Secretária – Patrícia Maria Macedo Alves

2º Secretária – Luciana Cesconetto Fernandes da Silva

1º Tesoureira – Priscila Anversa

2º Tesoureira – Tatiana Cobucci Farias

Diretor de Promoção – Silemar Maria de Medeiros da Silva

Vice-Diretor de Promoção - Luzia Renata da Silva

Diretor de Divulgação - Giovana Darolt Hillesheim

Vice-Diretor de Divulgação – Anderson Eduardo de Barros

Conselho Fiscal:

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Tauana Pizzolatto e

Sandramara Goulart dos Reis

CONSELHO EDITORIAL DA AAESC

Consuelo Alcioni Borba Schlichta – UFPR

Federico Buján – UNA/UNR

Gerda Schutz Foerste – UFES

Isabela Frade do Nascimento – UERJ

Luana Wedekin – UDESC

Sandra Makowiecky – UDESC

Sandra Regina Ramalho e Oliveira – UDESC

Vera Lúcia Penzo Fernandes – UFMS

CAPA, REVISÃO DO TEXTO E DIAGRAMAÇÃO

Priscila Anversa

ORGANIZAÇÃO

Cristiane Pedrini Ugolini

Priscila Anversa



FICHA CATALOGRÁFICA

A637a Colóquio Sobre Ensino de Artes (14. : 2020 : Balneário Camboriú, SC).

Anais do 14º Colóquio Sobre Ensino de Artes, 2020, Balneário Camboriú
[recurso eletrônico]: Conversas ao Pé do Ouvido: Ensino de Artes em Santa Catarina /
Organizado por Cristiane Pedrini Ugolini e Priscila Anversa.

Balneário Camboriú, AAESC, 2020.

78 p.

Inclui referências

ISSN 2179-5452

1. Ensino de artes. 2. Relatos de experiência. 3. Mídias – Eventos.

I. Título. II. UGOLINI, Cristiane P. III. ANVERSA, Priscila

CDD 707

SUMÁRIO

RESUMOS

06 OS OBJETOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ARTE VISUAIS: PROCESSOS EDUCATIVOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO NAS LICENCIATURAS
Sandra Emília Cruz da Costa e
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

10 A ARTE NA CRIAÇÃO DE JOGOS DIGITAIS E DESCOBERTA DE TALENTOS
Daniela de Oliveira, Marcia Regina Battistella e Victor Vighi

12 ARTE NO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS: POSSIBILIDADES SENSÍVEIS
Letícia Francez e Denise Costa

18 O PANÔ DE MEMÓRIAS: ARTESANIANDO NARRATIVAS EM UMA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL COM IDOSOS
Rita de Cássia Fraga da Costa e
Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

20 PROJETO CULTURA VIVA: DA CULTURA LOCAL À VIVÊNCIA DA CRIANÇA ATUAL
Dijaíza Gomes de Sá Souza, Lilian Fernanda Martins e Potyra Najara

22 EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA: FORMANDO ATORES-CRIADORES
Mariana Venâncio Correia, Beatriz Barreto Alves e Robson Rosseto

ARTIGOS COMPLETOS

24 RELATO DE EXPERIÊNCIA: MULTIPLICANDO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA CURADORIA NA ESCOLA
Gabriela Zagurski Siebert

29 CONHECENDO OS VITRAIS GÓTICOS POR INTERMÉDIO DAS TICS
Álvaro Augusto Rodrigues

43 PROJETO MORRO GRANDE EM ARTE: EXPERIÊNCIA, ARTE CONTEMPORÂNEA E DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS
Mikael Miziescki

52 O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA: A SITUAÇÃO DO IFSC
Luciana Cesconetto Fernandes da Silva e
Patrícia Nunes Martins

58 A FORMAÇÃO CONTINUADA NA REDE MUNICIPAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESTÉTICA
Sandramara Goulart dos Reis

64 MEMÓRIAS E REMANESCÊNCIAS: OS 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTES DE JOINVILLE/SC
Juliana Rossi Gonçalves

OS OBJETOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ARTE VISUAIS: PROCESSOS EDUCATIVOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO NAS LICENCIATURAS

Sandra Emília Cruz da Costa - PPGAV/UDESC

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva – PPGAV/UDESC

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado a ser concluída em meados do ano de 2020, estando, portanto, em fase de investigação e discussão dos referenciais teóricos. O estudo propõe sistematizar experiências de produção de Objetos Pedagógicos para o ensino das artes visuais buscando dialogar com a importância da formação e orientações para o professor mediador nesse campo de atuação. Do mesmo modo que busca a compreensão de um posicionamento crítico sobre as políticas educacionais brasileira para a formação de professores de arte, considerando a realidade escolar do Baixo Amazonas como eixo desta discussão pautada na pedagogia histórico-crítica. Sendo o ponto que nos interessa, mais especificamente nesta reflexão ativa, a criação dos objetos pedagógicos nas disciplinas que compõem a matriz curricular vigente no curso de formação desses futuros profissionais, considerando o contexto sociocultural das localidades que permeiam a realidade amazônica. Para inserirmos esta realidade como base de nossa discussão, o campo de investigação é o Curso de Artes Visuais do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade do Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM) localizado na cidade de Parintins no estado do Amazonas. Partindo da problemática de que a falta de experiência e as propostas de conteúdos de ensino das escolas podem se apresentar como um desafio à prática docente desses novos profissionais, tendo em vista que a realidade escolar se difere da forma estrutural de uma universidade.

Pensando nesse último contexto, este estudo, ainda em processo de investigação, irá dissertar discussões com base no que se propõem o ensino de arte com abrangência ao conteúdo de arte visuais contemporânea e na preparação dos discentes em formação dentro do curso de Licenciatura em Artes Visuais do ICSEZ/UFAM, destacando as experiências vivenciadas pela autora desta dissertação nas disciplinas de Oficinas Pedagógicas Aplicadas ao Ensino de Arte, especificamente por elas estarem vinculadas diretamente com a produção de materiais didáticos-pedagógicos para o ensino de arte, formulações de propostas para atividades pedagógicas em artes visuais. Ressaltamos que a autora desta pesquisa atua como docente no curso de graduação



supracitado. Entretanto, as questões de aprofundamento da investigação surgem quando voltamos o olhar para a preparação e formação desses profissionais ainda no curso de graduação, para o que os professores produzem no curso, como eles trabalham os conteúdos de arte contemporânea e como abarcam a produção de objetos pedagógicos. Ressalta-se que ao mesmo tempo que os estudantes necessitam ampliar seu repertório no campo da arte contemporânea nacional e internacional, é sabido que de um lado, há todo um repertório local e de outro a inexistência de instituições artísticas de médio e grande porte na cidade.

Para tanto, como técnica de coleta de informações, estamos trabalhando com estudos e análises bibliográficas em livros de referência teórica e documentos legislativos, artigos, textos em periódicos, entre outros, assim como análise documental. Sendo assim, o presente trabalho se estruturará em embasamentos metodológicos, mas não somente, pois busca-se apoio em estudos teóricos que nortearão a temática proposta, em documentos legislativos oficiais de referências e orientações educacionais a nível nacional e em estudiosos como: VIGOTSKI (2013); SAVIANI (1999, 1986); FONSECA DA SILVA (2010, 2016); ANDRÉ (2012); BIASOLI (2004); DUARTE (1993); entre outros, por quem essa temática foi amplamente discutida. Partiremos da descrição da criação de objetos artísticos contemporâneos e de como esses materiais podem subsidiar a prática de produção de objetos pedagógicos para professores de artes. Também apresentaremos alguns princípios e experimentos produzidos a partir da experiência de docência na disciplina Oficinas Pedagógicas Aplicadas ao Ensino de Arte do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do ICSEZ/UFAM.

Palavras-chave: Objetos pedagógicos; Formação de professores; Processo educativo.

Referências

BIASOLI, Carmem Lúcia Abadie. **A Formação do Professor de Arte: do ensaio à encenação**. 2ª Edição - Revisada. 2ª. ed. Campinas -SP: Papirus, 2004.

BITTAR, Valéria Maia. **Concepções e Práticas de Professores de Artes Visuais**. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em educação, da universidade de Juiz de Fora para obtenção de título de Mestre. Juiz de Fora, 2007.



BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da Arte na escola.** Cortez.- SP, 2001.

COUTINHO, Rejane (org). **Arte/Educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

DUARTE, Newton. **A individualidade para – si.** Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1993.

_____. **A socialização do saber escolar.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte.** 9.ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalho científico.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LUKÁCS, Georg. **Arte livre ou arte dirigida.** In: Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, ano III, n.13, p. 156-183, maio de 1967.

MARLI, André. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** - 12º ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012.

MINASI, Luiz Fernando. **Formação de professores em serviço: Contradições na prática pedagógica.**- Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FUNARTE: **Políticas para as artes, interações estéticas em rede,** 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** 6 ed. – Campinas, SP: autores associados, 1997.

_____. **Ensino público e algumas falas sobre universidade.** – São Paulo: Cortez: autores associados, 1986.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; SANTOS, Vera Márcia Marques. (Org.). **Formação Docente e Políticas Públicas: Cenário e Desafios.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2016.

_____. **Contribuições para a formação em Artes Visuais.** Florianópolis: AAESC, 2016.



SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; KIRST, Adriane Cristine. (Org.). **O Objeto Pedagógico na Formação de Professores de Artes Visuais**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo, S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Levi Semeonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Sandra Emília Cruz da Costa

Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas (2014) e Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (2011). Atualmente é mestranda na linha de ensino do curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (2018-2020). Lecionou a disciplina Arte na rede pública de ensino do Município de Parintins - AM. Hoje atua como docente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do ICSEZ/UFAM.

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Professora titular do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como professora do Mestrado e doutorado em Artes Visuais da UDESC. Linha de investigação Ensino de Arte. É Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE da UDESC. Coordenando 4 projetos de extensão: Assessoria para professores da rede pública de ensino, Família no Museu, Ciclo de Eventos e Publicações e Clube de Fotografia. Atualmente é diretora geral do Centro de Artes da UDESC



A ARTE NA CRIAÇÃO DE JOGOS DIGITAIS E DESCOBERTA DE TALENTOS

Daniela de Oliveira – IFSC

Marcia Regina Battistella - Projeto Novos Talentos - SC Games

Victor Vighi - SENAC - TI

RESUMO

O presente trabalho é resultado do desenvolvimento de uma oficina para construção de jogos digitais com a técnica de Pixel Art, fruto de uma parceria entre o Projeto SC Games e o IFSC Campus Palhoça Bilíngue. O objetivo foi proporcionar aos alunos conhecer e explorar a ferramenta, para posteriormente criarem personagens e cenários artísticos aprendendo formas, cores, e conceitos de arte.

Os jogos digitais fazem parte do cotidiano dos jovens e a estratégia de apresentar os alunos novas tecnologias para que posteriormente, eles possam criar cenários, personagens e suas próprias animações e jogos bem como promover a aplicação dos conhecimentos da formação em nível médio do curso Técnico Integrado em Comunicação Visual no referido Instituto Federal supracitado.

O conhecimento técnico em criação de jogos amplia as habilidades para aqueles que são apreciadores de jogos e de produtos do gênero que envolvem entretenimento. No campo das artes, a descoberta de talentos para a arte digital é surpreendente.

Neste ponto, destaca-se que a atividade foi um desafio, não só para os alunos, mas também para os seus instrutores (estudantes universitários), considerando que eles tiveram 12 horas, em 3 dias para ensinar a programar e a ensinar as ferramentas para a arte digital.

Diante do exposto, fica clara a relevância dos jogos no processo de ensino e aprendizagem e descoberta de talentos, bem como no desenvolvimento profissional dos estudantes. Pode-se afirmar que os jogos digitais se tornaram parte das atividades cotidianas de uma geração imersa na linguagem tecnológica. De modo igual, também assumem um papel de entretenimento, e que a Arte faz parte deste processo.

A proposta do IFSC de ensinar os jovens a possibilidade de recurso de interação no processo de aprendizado dos jovens. criar jogos como apoio para trabalhos didáticos veio ao encontro com a proposta do Projeto Novos Talentos - SC Games, em promover a descoberta de talentos e metodologia diferenciada.



No depoimento dos alunos, foi possível concluir que o processo de incentivar e apresentar para eles uma ferramenta para a criação de jogos eletrônicos pode ir além da sala de aula. Um deles, C.E.S., de 17 anos, afirma: “eu só tenho a agradecer... o workshop que aconteceu ano passado no IFSC, além de ter sido muito interessante, me deixou ainda mais interessado pelo desenvolvimento de jogos”. Neste sentido, como refletem Frosi e Schlemmer (2010), a geração atual tem seu desenvolvimento influenciado pelo contexto e imersão da linguagem tecnológica digital e virtual. Consequentemente, ocorrem transformações na transmissão da informação e nos processos de construção interna da interação com o meio (Ibid, 2010).

Sendo assim, conclui-se que este trabalho de ensinar o aluno a criar um jogo eletrônico permite que ele vislumbre novas vertentes de pesquisa e utilizar com entusiasmo a ferramenta para as atividades nas aulas de artes e de outras disciplinas em sala de aula. Do mesmo modo, para dar continuidade às atividades realizadas na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, foi criado um grupo de estudos no IFSC, onde os alunos realizam pesquisas e, com isso, aperfeiçoam os seus estudos na área de jogos.

PALAVRAS-CHAVE: arte; jogos digitais; talentos.

Referências

FROSI, F. O.; SCHLEMMER, E. Jogos Digitais no Contexto Escolar: desafios e possibilidades para a Prática Docente. Anais IX SBGames – Florianópolis, SC, pp. 115-122, 2010.

Daniela de Oliveira

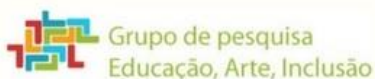
Graduada em artes, Professora no IFSC Bilíngue, mestre em artes UDESC.

Marcia Regina Battistella

Graduada em artes, doutoranda em design na UFSC, professora na Unisul e governo do estado de santa catarina. Coordenadora do Projeto SC Games.

Victor Vighi

Graduado em Jogos Digitais, atuou como monitor no Projeto Novos Talentos - SC Games, professor no ensino médio em arte digital no SENAC



ARTE NO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS: POSSIBILIDADES SENSÍVEIS

Letícia Francez - Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú

Denise Costa - Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú

RESUMO

Se observarmos com atenção ao nosso redor, é possível percebermos a necessidade de nos ocuparmos cada vez mais com um mundo sensível. Em geral, estamos mais atarefados com atividades rotineiras, o uso da tecnologia se intensificou em nossas vidas, o consumo de alimentos industrializados é paulatinamente mais comum que em décadas anteriores e a atenção plena ao outro - que considera o ver, ouvir e tocar - tem se tornando cada vez menos frequente. Estes são alguns fatores que revelam o modo como em muitas ocasiões temos deixado nossos sentidos de lado, estamos imersos em uma vida corriqueira, que valoriza apenas o pensamento racional em detrimento de um saber afetivo, que contempla a sensibilidade.

Nessa esteira, a arte surge como um mecanismo de aproximação do sensível, aliada ao inteligível, que se torna possível no ensino artístico sistematizado, ou seja, nas aulas de arte. Diante do que afirma Read (2013, p. 8), a respeito de que “a educação da sensibilidade estética é de fundamental importância” e que esta “é uma forma de educação da qual apenas traços rudimentares são encontrados nos sistemas educacionais do passado”, estamos caminhando para seguir essa trilha, mas ainda distantes do ideal.

Na medida em que nos colocamos como arte/educadoras, consideramos a importância de voltarmos nossa atenção a este saber sensível, a uma educação estética dos sujeitos. Nesse caminho, partimos do pensamento de Vigostki (2004, p. 338) quando afirma que “educar esteticamente alguém significa criar nessa pessoa um conduto permanente e de funcionamento constante, que canaliza e desvia para necessidades úteis a pressão interior do subconsciente”.

Assim, o desenvolvimento artístico e sensível na escola passa a ser um canal de aproximação do aluno com o seu lado mais humano, o que irá contribuir para que estes sujeitos ampliem sua percepção sobre si mesmos e o mundo em que vivem, além de poderem atuar como agentes transformadores de sua realidade. Essa afirmação encontra respaldo em Arnheim (2011), que traz o entendimento de que as qualidades expressivas são os meios de comunicação que apreendem a atenção, possibilitando o entendimento e a interpretação de experiências cotidianas.



Desse modo, o estudo que apresentamos tem por objetivo refletir sobre o desenvolvimento da educação estética por meio de atividades realizadas no laboratório de ciências na escola. Para tanto, verificamos o resultado dos trabalhos realizados em duas atividades distintas que propusemos durante as aulas de Arte aos alunos das turmas de 2º e 8º anos do Ensino Fundamental no laboratório de ciências do Centro Educacional Municipal Vereador Santa, uma escola da Rede de Balneário Camboriú.

Este estudo possui qualidades da pesquisa participante, a qual “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40). Além disso, a escolha pelo laboratório de ciências como espaço para o desenvolvimento estético acontece pelo fato de este ser um profícuo espaço de exploração sensorial. O laboratório da escola conta com equipamentos e materiais modernos e necessários que contribuem para ampliar as possibilidades estéticas dos alunos, ou seja, sua capacidade de perceber as sensações, a sensibilidade.

A primeira atividade, elaborada com as turmas de segundo ano, teve em sua temática principal as texturas como elemento da linguagem visual. Com o objetivo de vivenciarem experiências sensoriais, estéticas e lúdicas, dentro do processo criativo individual e coletivo, além de explorarem texturas na produção artística, os alunos tiveram contato com diversos tipos de texturas diferentes, como folhas secas, tecidos, lixas, madeiras, entre outros.

Após conhecerem os materiais, experienciarem tatilmente suas tessituras e observarem as sensações provocadas por eles, as crianças utilizaram a técnica da *frottage* para realizar suas produções artísticas. Desenvolvido pelo artista Max Ernst (POUGY, 2014), o método consiste em friccionar um lápis ou giz de cera em um papel colocado sobre a textura desejada. Como forma de criar uma composição visual, os alunos utilizaram os mais diversos modelos de textura que estavam à sua disposição naquela aula, combinando cores, tramas e arranjos em suas produções (Figura 1).

Figura 1 - *Frottage*

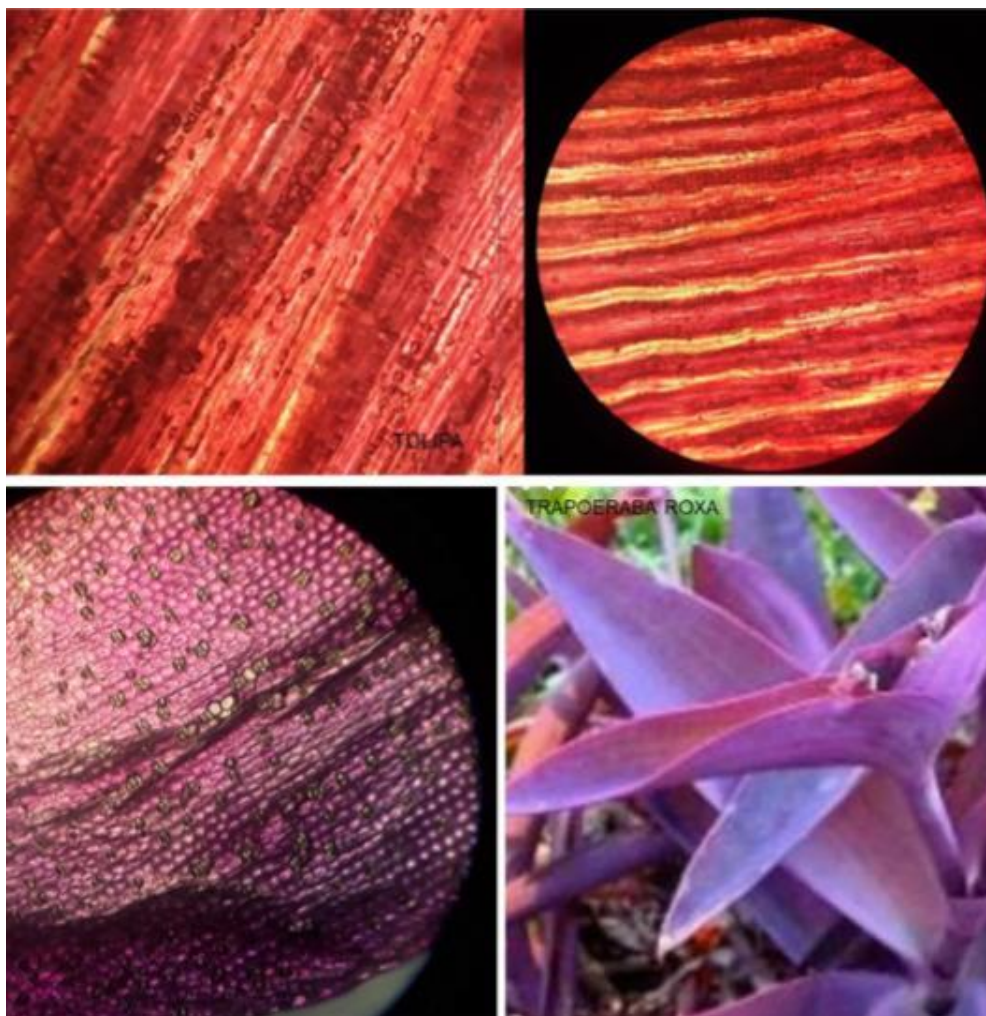


Fonte: acervo das autoras

Para Vigotski (2004, p.338), "a arte constitui um mecanismo biológico permanente e necessário de superação de excitações não realizadas na vida e é um acompanhante absolutamente inevitável da existência humana". Da mesma forma foi possível observar nesta situação como as crianças transpuseram por meio de suas produções os excessos sensíveis que trazem consigo. Podemos entender que a arte é aquilo que sobra, o que transborda da vida, visto que ela auxilia a superar a realidade vivida por meio da imaginação e criação.

Já na segunda atividade proposta neste estudo, a aula realizada no laboratório de ciências com as turmas de oitavo ano teve como foco as visualidades que se encontram nos objetos da natureza quando estes são observados pelo microscópio. Os alunos primeiramente elegeram os materiais a serem investigados e posteriormente verificaram as linhas, formas e tessituras estabelecidas em cada peça contemplada (Figura 2). Nesse sentido, vimos que o docente de arte, como afirma Bordieu (2007, p. 18), necessita "criar condições favoráveis para que despertem as virtualidades adormecidas em algumas pessoas". Somente assim será possível estabelecer uma relação entre o conhecimento trazido pelos alunos e a proposta indicada pelo professor.

Figura 2 - Universo microscópico



Fonte: acervo das autoras

Com base nas imagens constituídas microscopicamente, realizaram suas produções artísticas, por meio de desenhos e pinturas abstratas. Este exercício proporcionou perceber como as suas ideias puderam ser retratadas apenas por formas que aparentemente não exprimem um significado explícito, mas que carregam em si a sensibilidade presente em seus pensamentos.

Este entendimento vem ao encontro da própria questão estética, a qual “analisa o complexo das sensações e dos sentimentos” e “investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem” (ROSENFELD, 2006, p.7). Ao contemplar razão e sensibilidade, a educação estética relaciona-se à constituição do sujeito e a possibilidade de transformação de sua realidade.

Molon (2007) comenta que a educação deve contemplar tanto o lado cognitivo como o afetivo, visto que devem ser consideradas as experiências do sujeito, seus sentidos, pensamentos e ações, fatores estes que compõem o processo educativo, além de suas vontades, necessidades, sucessos e frustrações. Para a autora, “a educação estética visa ao desenvolvimento do homem integral, à constituição do sujeito criativo e volitivo, pois ela é a possibilidade de um sentido estético

e ético, que articula razão e sensibilidade à existência cotidiana” (MOLON, 2007, p.129).

A partir dos exercícios desenvolvidos com os alunos e das reflexões levantadas neste trabalho, percebemos que oportunizar atividades que exercitem o contato sensorial pode contribuir para ampliar a percepção que as crianças e os adolescentes têm de si mesmos e do mundo a sua volta.

Por meio da produção artística, de movimentos que propiciam uma aproximação com novas formas de reprodução, os alunos puderam registrar no papel de modo abstrato suas ideias, sensações e pensamentos. Entendemos ainda que os espaços para a educação estética na escola vão muito além da sala de aula, e que outros ambientes podem ser explorados de modo a contemplar o desenvolvimento da sensibilidade dos alunos.

Palavras-chave: ensino da arte; educação estética; práticas pedagógicas.

Referências

ARNHEIM, R. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BORDIEU, P. O amor pela arte: os museus de arte da Europa e seu público. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MOLON, Susana Inês. Constituição do sujeito volitivo e criativo: educação estética em Vygotsky. In: ZANELLA, Andréa Vieira; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo; MAHEIRIE, Kátia; SANDER Lucilene; DA ROSA, Silvia Zanatta (Org.). **Educação estética e constituição do sujeito:** reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

POUGY, Eliana. **Ápis:** arte , 4º e 5º ano: volume único. São Paulo: Ática, 2014.

READ, H. A Educação pela Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Capítulo XIII: A educação estética. **Psicologia pedagógica.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Letícia Francez



Mestra em Educação pelo PPGE da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, com pesquisa na área de mediação cultural, leitura de imagem e educação estética. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI e especialista em Educação pelo Instituto Federal Catarinense - IFC/Camboriú. É docente efetiva na disciplina de Arte na Municipal de Educação de Balneário Camboriú.

Denise Costa

Mestra em Educação pelo PPGE da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, possui licenciatura em Educação Artística pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB e graduação em Artes Visuais - Superior de Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. Atualmente é docente efetiva na disciplina de Arte da Rede Municipal de Educação de Balneário Camboriú.



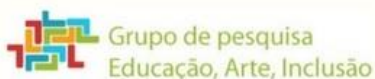
O PANÔ DE MEMÓRIAS: ARTESANIANDO NARRATIVAS EM UMA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL COM IDOSOS

Rita de Cássia Fraga da Costa – Bolsista CAPES- UNIVILLE

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon - UNIVILLE

RESUMO

Este texto apresenta uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação Mestrado de Educação (UNIVILLE) e ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), realizada em uma unidade do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Joinville - SC, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos dos Idosos (SCFV), com onze idosos, de 60 a 72 anos. Nosso objetivo foi investigar experiências sensíveis em artesanato na terceira idade, em espaço não formal da educação, pelo viés da formação cultural e das construções identitárias. Para isso, empregamos a abordagem narrativa em uma experiência sensível, guiadas por Larrosa (2015), Benjamin (2012) e Duarte Jr.(2010), somados a essa contribuição Petrykowski Peixe et al. (2014) traz o conceito de artesanias; Adorno (2010) faz alusão à formação cultural e Hall (2006) coopera no que diz respeito as construções identitárias, reiteradas com Bosi (1994) nos trazendo um entendimento contemporâneo sobre os idosos. Em uma experiência coletiva numa metodologia cartográfica com a artesanato, estes interlocutores produziram colaborativamente durante seis encontros/oficinas, um panô de memórias, uma peça artesanal têxtil preenchida de registros de suas vidas. Assim, puderam construir/(des)construir/construir uma tradição de saber, apropriando-se de conhecimentos relacionados a lidar com os recursos humanos e naturais do espaço onde habitam, como também, ao se perceber na presença do outro, ampliaram os (entre)laçamentos de suas relações, num grande fluxo de memórias que surgiam diante do fazer artesanal. Neste processo formativo, em movimentos de interações, constituídos de identidades e múltiplos saberes, no acompanhamento de suas narrativas, identificamos a ampliação das construções dos sentidos em suas múltiplas conexões, preenchendo esta fase da vida que sugere declínio e esvaziamento, de novas ressignificações. Por isso, tomamos o fazer/refletir/fazer da artesanato como possibilidade para a experiência da velhice, pois pelo viés sensível, surgiram outros modos de se relacionar consigo e com o mundo, restaurando memórias, construindo novas aprendizagens, bem-estar e saúde. O panô de memórias nos possibilitou pensar o artesanato como linguagem, como interação social e como prática educativa sensível, como efeito do processo vivido naquele território.



Palavras-chave: Identidade; Idosos; Artesanias; Experiência Sensível; Narrativas

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 5ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas, v. 1).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

PETRYKOWSKI PEIXE, Rita I. et al. Projeto Desol na promoção da inovação social de empreendimentos em artesanato. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE DESIGN SUSTENTÁVEL, 5º, 2014, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, **Anais do 5º Simpósio Paranaense de Design Sustentável**, 05 de dezembro 2014, p. 41-47. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/1c59dd_80ca92a1c5834b6594197c5fdf73ce1f.pdf>. Acesso em: 10set. 2019.

Rita de Cássia Fraga da Costa

Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE), Mestre em Educação (UNIVILLE), Membro do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), Membro do Grupo de Estudos Imbricamentos da Linguagem, Pesquisadora voluntária no (EDUSENPE), Bolsista CAPES, e-mail: ritadacosta08@gmail.com

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

Mestra em Educação (UNIVILLE), Membro e Pesquisadora Voluntária do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), Diretora Pedagógica do Conservatório Belas Artes de Joinville (CBAJ). E-mail: mirtes@belas.art.br



PROJETO CULTURA VIVA: DA CULTURA LOCAL Á VIVÊNCIA DA CRIANÇA ATUAL

Dijaíza Gomes de Sá Souza (Técnica Pedagógica do Departamento de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino)

Lilian Fernanda Martins (Diretora de Arte da Fundação Cultural de Balneário Camboriú)

Potyra Najara (Diretora do Teatro Municipal Bruno Nitz de Balneário Camboriú)

RESUMO

Considerando que Balneário Camboriú é uma cidade jovem e multicultural, o Projeto Cultura Viva foi desenvolvido por meio da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e Fundação Cultural, com o objetivo de oportunizar às crianças da Educação Infantil (0 a 5 anos) da Rede Municipal de Ensino de Balneário Camboriú conhecer e vivenciar o patrimônio histórico e cultural local/ regional como currículo vivo nos tempos atuais, estabelecendo relação entre passado e presente, apropriando-se desse patrimônio no qual estão inseridas. O Projeto se desenvolveu em cinco etapas principais: 1. A oferta de formação continuada aos professores (formação para 54 profissionais, sendo o supervisor e um professor Multiplicador representante de cada Núcleo de Educação Infantil), referente ao patrimônio histórico e cultural local/ regional, por acreditar ser o caminho mais eficaz para que as experiências e vivências da linguagem da arte e cultura pudessem chegar até as crianças; 2. O planejamento das ações a serem realizadas na prática em sala; 3. Prática pedagógica com o foco nas ações de educação patrimônio histórico e cultural local/ regional, apresentando a Pesca artesanal da tainha, Terno de Reis, Produção da farinha, em parceria com o único engenho em atividade “caseira” no município, Cultura Haitiana, Cultura Quilombola, entre outros; 4. A socialização das vivências desenvolvidas no decorrer do projeto, entre os Núcleos de Educação Infantil, na “Semana da História e Cultura de BC”; 5. O compartilhamento dos resultados, bem como, o apontamento de sugestões para as futuras edições do mesmo. No desenvolver das etapas, o projeto legitimou a educação patrimônio histórico e cultural local/ regional como currículo vivo e contínuo na Educação Infantil. Com esse entendimento a Secretaria Municipal de Educação, por meio do Departamento de Educação Infantil, constituiu o Projeto como institucional, garantindo-o no Projeto Político Pedagógico de todos os Núcleos de Educação Infantil do município. O projeto contribuiu significativamente, ampliando o olhar da criança e seu repertório social, cultural, reconhecendo sua existência, auto afirmando a construção



da própria identidade cultural. Nesse contexto, acredita-se que o Projeto Cultura Viva é inovador e inédito.

Palavras-chave: Educação Infantil; patrimônio cultural; currículo

Referências

BALNEÁRIO CAMBORIÚ (Município). Constituição (2015). Lei nº 3862, de 18 de dezembro de 2015. **Plano Municipal de Educação 2015-2025:** 20 passos em direção ao futuro da educação no município. Balneário Camboriú, SC, 18 dez. 2015, 66p.

BALNEÁRIO CAMBORIÚ (Município). Constituição (2015). Lei nº 3805, de 24 de julho de 2015. **Plano Municipal de Cultura.** Balneário Camboriú, SC, 24 jul. 2015. p. 01.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

PILLOTTO, Silvia. S.D. (Org). **Processos Curriculares em arte/cultura: da universidade ao ensino básico.** Joinville, SC: Univille, 2007.

Dijaíza Gomes de Sá Souza: Professora efetiva de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino, atualmente exerce o cargo de Técnica Pedagógica da Secretaria de Educação, por meio do Departamento de Educação Infantil. Idealizadora do Projeto Cultura Viva.

Lilian Fernanda Martins: Desenhista, pintora, gravurista. Representa a AAOI na FAAPSC, Federação das Associações de artistas Plásticos de Santa Catarina. Atualmente exerce a função de Diretora de Arte da Fundação Cultural de Balneário Camboriú.

Potyra Najara: Artista, escritora, atualmente exerce a função de Diretora do teatro Municipal Bruno Nitz de Balneário Camboriú



EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA: FORMANDO ATORES-CRIADORES.

Mariana Venâncio Correia - Universidade Estadual do Paraná

Beatriz Barreto Alves - Universidade Estadual do Paraná

Robson Rosseto - Universidade Estadual do Paraná

RESUMO

Como o ensino do teatro pode ser emancipatório na formação de atores, principalmente em se tratar de um curso técnico em Teatro? Essa pergunta acompanha as integrantes do PIBID que vivenciam a sala de aula do terceiro ano do Curso Técnico em Teatro, do Colégio Estadual do Paraná - CEP. Nesta realidade, é comum os alunos apresentarem demasiada dependência de comandos e direcionamentos, advindos dos professores e dos pibidianos ao longo das atividades cênicas propostas.

O objetivo durante a experiência em sala de aula das bolsistas do PIBID consiste em investigar como os alunos podem ser estimulados a criarem uma independência cênica criativa. De acordo com Renato Ferracini (2005), atores que seguem normas de um diretor ou padrões estéticos estabelecidos não estão criando, e sim, apenas reproduzindo. Cabe ressaltar que o papel do professor deve ser o de orientador das montagens cênicas, no entanto, muitas vezes os alunos entendem-no como um encenador. Com base nesse contexto, o objetivo deste estudo é buscar o desenvolvimento da capacidade dos alunos para serem propositores enquanto atores criadores.

A teórica Marília Gabriela Amorim Donoso (2010) afirma que é preciso reorientar o trabalho do ator: de intérprete a coautor da obra teatral.

Com base em exercícios cênicos que estimulem esse momento de criação autoral em sala de aula, as pibidianas propuseram práticas cênicas baseadas nas teorias corporais de Jerzy Grotowsky (1987) e Eugênio Barba (1991), a fim de que os alunos explorassem o corpo como instrumento do fazer teatral. A bolsista Mariana Venâncio ministrou a Oficina Corpo Dilatado com princípios energéticos contidos no Treinamento de Ator elaborado pelo LUME Teatro. Em geral, após as práticas realizadas, observou-se maior desprendimento dos alunos. Todas as cenas apresentadas no primeiro dia de aula foram feitas sentadas de forma não intencional. Ao decorrer do ano, com o direcionamento proposto, pode-se notar maior vitalidade nos exercícios. Entretanto, para o objetivo ser alcançado em sua potência máxima, a aplicação de exercícios físicos propostos deve continuar.



Palavras-Chave: [PIBID; ator-criador; teatro físico; pedagogia teatral]

Referências

BARBA, Eugenio. **Além das ilhas flutuantes**. Trad. Luís Otávio Burnier. Campinas: Unicamp, 1991.

DONOSO, Marília Gabriela Amorim. **O treinamento como processo de investigação do ator-criador**. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2010.

FERRACINI, Renato. **Café com queijo**. São Paulo: Hucitec, 2005.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Trad. Aldomar Conrado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

Mariana Venâncio Correia

Graduanda em Licenciatura em teatro na Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. E-mail: marivcorreia@gmail.com

Beatriz Barreto Alves

Graduanda em Licenciatura em teatro na Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II. Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. E-mail: bealves07@gmail.com

Robson Rosseto

Doutor em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II. E-mail: rossetorobson@gmail.com.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: MULTIPLICANDO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA CURADORIA NA ESCOLA

Gabriela Zagurski Siebert - Centro Educacional Municipal Professor Antonio Lúcio

RESUMO

Este artigo propõe fazer um relato de experiência das práticas de curadoria que utilizaram a visita guiada como multiplicador de conceitos artísticos, dentro da Mostra de Arte, Ciência e Cultura da rede municipal de ensino de Balneário Camboriú. Mais que exposições das poéticas dos alunos, a ação privilegia o fomento e o incentivo à curadoria, a partir do campo de ação dos educandos, dando acesso e fortalecendo a apropriação da escola como um ambiente de multiplicação cultural. Palavras-chave: curadoria; arte-educação; ambiente escolar.

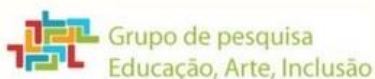
A princípio se faz necessário contextualizar o projeto sobre a Mostra de Arte, Ciência e Cultura. Esta empreitada dispôs como propósito à apreciação das produções artísticas dos estudantes da rede municipal de ensino de Balneário Camboriú pela comunidade.

O objetivo era possibilitar à sociedade apreciação de obra artístico-cultural produzidas na interrelação das diferentes áreas do conhecimento, por meio de produções artísticas e científicas realizadas pelos estudantes da rede municipal de ensino. Essas ações visaram apresentar a comunidade, produções artísticas e científicas individuais e coletivas e/ou releituras e dar visibilidade às produções dos estudantes em locais públicos.

A escola como espaço privilegiado de produção de conhecimento, se configura como território onde ensinar e aprender se manifestam nas diferentes dimensões. Ao socializar as aprendizagens, o educando assume a posição de quem ensina, com essa perspectiva os alunos serviram como multiplicador dos conceitos construídos em sala. Nessa troca de saberes geracionais, a aprendizagem se consolida em articulação com as experiências vivenciadas no cotidiano, considerando o educando como sujeito que ao aprender atua e transforma o mundo em que vive.

Com o intuito de aprofundar a experiência da exposição, proporcionada pela Secretaria de Educação, observou-se a oportunidade de acrescentar a vivência da curadoria no âmbito escolar. A ação se deu por meio de uma visita guiada pelos próprios educandos, onde estes vivenciaram este momento único de interação com a comunidade escolar.

“Nesse contexto, em que se dá a prática de deslocamento de papéis, a estratégia da curadoria participativa se presentifica quando os alunos, juntamente com o professor, assumem a posição de curadores ao exercitar a configuração da exibição dos trabalhos de arte na escola. Nesse sentido, a exposição se torna obra coletiva através da efetiva



participação de todos os envolvidos e também extensão do que foi produzido artisticamente pelos alunos através do projeto em rede.” (SANTOS, 2016)

O processo de curadoria foi desenvolvido a partir dos conteúdos estudados durante o primeiro semestre letivo na disciplina de arte juntamente aos alunos de 6º ao 9º ano, onde estes construíram um paralelo entre os conceitos dos movimentos artísticos curriculares e a vida cotidiana. Após este diálogo os educandos pesquisaram objetos de estudo para criação de suas poéticas. Os objetos de estudo se estendem de prerrogativas estéticas de alguns movimentos até obras icônicas e conceitos centrais da arte contemporânea, sempre aprofundando a complexidade dos mesmos de acordo na etapa em qual os educandos estão inseridos.

A partir desta contextualização o processo de fruição dos alunos começou a ser desenvolvido, onde os educandos buscaram construir suas poéticas artísticas. Para tal utilizaram diversos materiais e técnicas artísticas como desenho, colagens, pinturas entre outras linguagens.

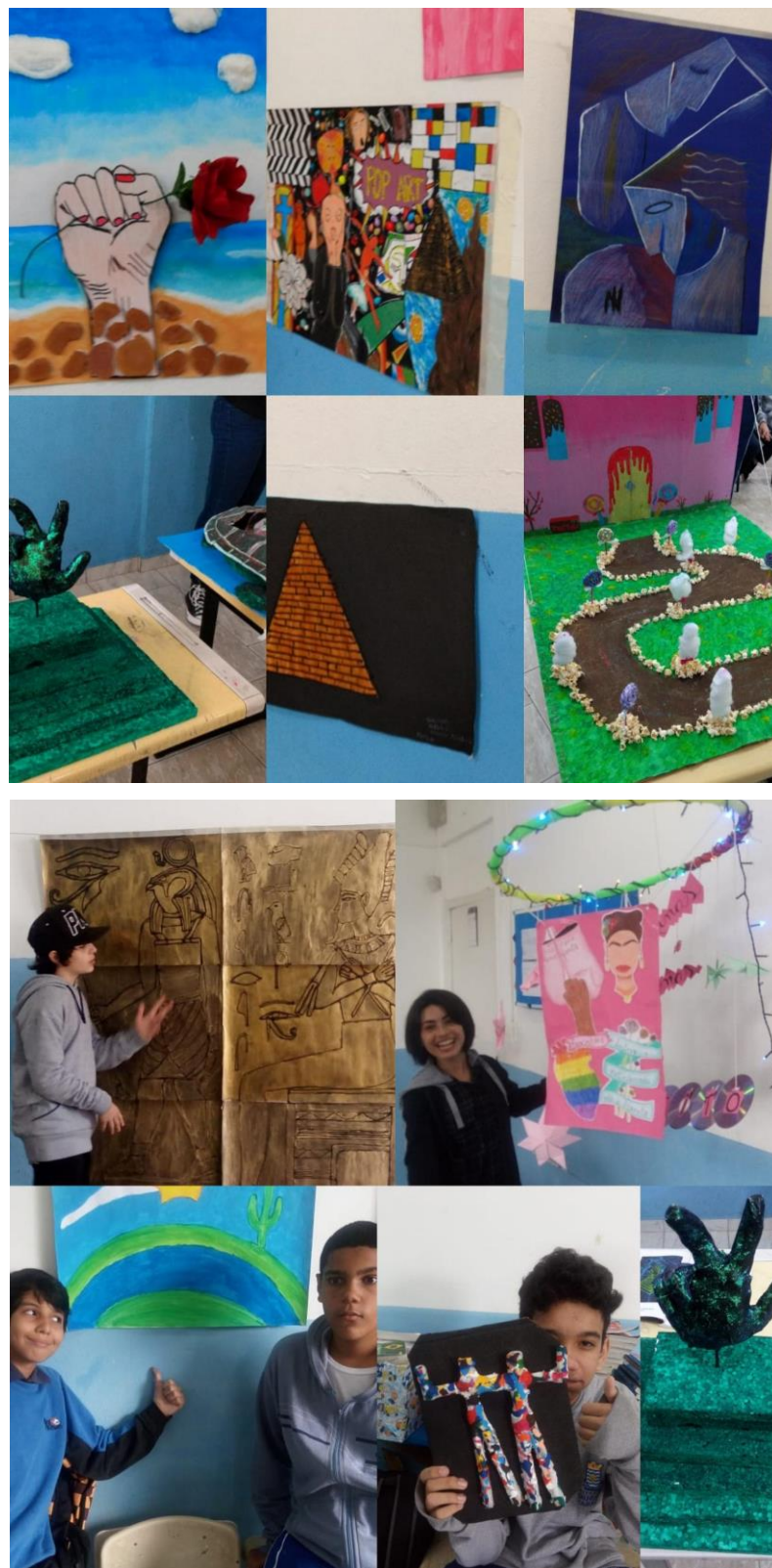
O processo de construção da exposição se deu de maneira coletiva, onde cada ano da 2ª etapa do ensino fundamental organizou suas produções artísticas em grandes painéis coletivos, e em sequência a maneira em que foram dispostos os painéis e as obras individuais no ambiente da sala de aula.

Como parte da última etapa de preparação da exposição os alunos elegeram, dentre os seus pares, quais educandos seriam incumbidos de repassar os conhecimentos conceituais sobre suas produções, bem como as descrições técnicas da estética. Revezando-se para que todos pudessem experienciar este processo de ensino-aprendizagem.

Todas as etapas anteriores culminaram no momento efetivo da Mostra, onde os alunos dos anos finais do ensino fundamental receberam as turmas dos anos iniciais, juntamente com seus professores, em formato de rodízio pelas salas de exposição. Um momento também foi reservado para os outros profissionais da escola e para a comunidade no entorno da instituição.



Durante a execução da Mostra os resultados desta ação já foram presenciados, pelo engajamento dos atores desta atividade educacional, que perceberam a arte como uma ferramenta de reflexão e crítica, já que a disciplina traz em si o estudo da linguagem humana e suas nuances de expressão. Os educandos atentaram para a sua própria capacidade de multiplicação do conhecimento, de fato sendo os atores de suas aprendizagem que procedeu de forma significativa e possibilitou aos mesmos ocuparem o lugar como agentes transformadores da sociedade.



Como última contribuição deste relato a minha perspectiva enquanto professora foi de plena realização, observar os alunos durante as etapas de pesquisa e estudo trouxe um sentimento de mediação para o processo de arte-educação, o que de fato compõe o papel do professor dentro do

ambiente de sala de aula. Assim como a construção da estética das poéticas demonstra o resultado das atividades práticas propostas, onde o aluno desperta suas habilidades técnicas e até as refina.

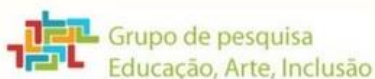
Por fim visualizar a capacidade de organização e o senso de coletividade trás um sentimento de plenitude que se intensifica no momento em que o aprender se torna o ensinar, e o educando deixa o papel de aluno para alçar voos no papel de professor, se tornando assim um mediador e um multiplicador dos conhecimentos adquiridos na compreensão da atividade humana da arte.

Referências

SANTOS, L. M. Exercício curatorial na Escola. UDESC. 2016.

Gabriela Patrícia Zagurski Siebert

Graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, pós graduada em Arte e Educação. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Artes, atuando principalmente no seguinte tema: interdisciplinaridade, processos de ensino e aprendizagem.



CONHECENDO OS VITRAIS GÓTICOS POR INTERMÉDIO DAS TICS

Álvaro Augusto Rodrigues – Prefeitura Municipal de Biguaçu-SC

RESUMO

A presente pesquisa versou sobre a utilização das tecnologias da informação e comunicação, as tics, no estudo, no desenho e na confecção de vitrais góticos em papel. Isto é, a relação e aplicação das referidas tecnologias no cotidiano da Escola Básica Municipal Fernando Brüggemann Viegas de Amorim, em Biguaçu, SC. O objetivo geral do estudo foi de conhecer os vitrais góticos por intermédio das tics. E o objetivo específico foi empregar as tecnologias da informação e da comunicação como instrumento de busca e conhecimento desse conteúdo didático no cotidiano das aulas de artes. A metodologia adotada aplicou a técnica de pesquisa qualitativa em forma de pesquisa-ação. Como ato inicial considerou-se a relevância das tecnologias da informação e comunicação, assim como suas formas mais viáveis no auxílio da pesquisa sobre a arte gótica e a confecção de vitrais em papel. Os resultados obtidos pelos grupos de alunos demonstraram a boa assimilação e excelente acabamento na execução da atividade supracitada. A técnica e qualidade dos trabalhos mostraram a positividade e os objetivos alcançados propostos em classe.

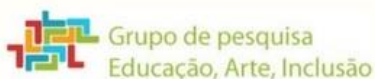
Palavras chave: Arte Gótica; Vitrais Góticos; Tics; Vitrais em Papel; Web.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer os vitrais góticos através da construção vitrais em papel, aplicando e utilizando as tecnologias da comunicação e a web como instrumentos imprescindíveis no processo de consulta, execução e entendimento das pesquisas.

Incluí-los como atividade coadjuvante nas atividades de artes do 7º ano do ensino fundamental, tornando-a mais eficiente, instigante e prazerosa aos alunos envolvidos. Neste ambiente de aquisição do conhecimento artístico, as tecnologias da informação e comunicação são determinantes no processo de pesquisa.

A referidas tecnologias auxiliam o aluno no que diz respeito ao estudo das cores e maior visibilidade das inúmeras obras e vitrais góticos. A importância deste método de pesquisa da arte gótica é essencial na sala de aula, pois possibilita ao aluno uma melhor observação de suas cores, seus detalhes e infinitas possibilidades.



Desenhos, estabelecendo-se como um elemento de referência eficaz e atraente, principalmente em relação ao processo de criação e confecção dos referidos vitrais. Segundo Behrens (2013, p. 86):

“O aluno precisa ser instigado a buscar o conhecimento, a ter prazer em conhecer, a aprender a pensar, a elaborar as informações para que possam ser aplicadas à realidade que está vivendo. No processo de produzir conhecimento torna-se necessário ousar, criar e refletir sobre os conhecimentos acessados para convertê-los em produção relevante e significativa”.

A utilização das tecnologias da comunicação no âmbito escolar é propiciar novas possibilidades de pesquisa ao aluno, num formato diferenciado e didaticamente viável, ofertando-lhes uma possibilidade quase infinita de conceitos sobre arte e suas características, numa perspectiva de aprender e dominar as tecnologias no seu cotidiano.

Domínio este que lhe trará futuros benefícios e resultados relevantes nas diferentes áreas de conhecimento, notadamente da arte gótica, vitrais góticos, suas formas e cores e tudo que se refere à construção de vitrais. Segundo Bock (1999, p. 121), “A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno “fique a fim” de aprender.”

A falta de opções e a quase inexistência de literatura específica em relação à arte gótica e vitrais nas escolas públicas causam grande dificuldade no que se refere ao ensino de conteúdos mais específicos neste campo de estudo, assim reconhecemos na tecnologia um fator motivacional no processo de elaboração dos trabalhos. Conforme Bzuneck (2000, p.9), “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”.

Somente a partir do ano 2016 aproximadamente, o ministério da educação iniciou a adoção e distribuição de livros didáticos gratuitos para os anos finais do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras.

Este fato inédito, considerando que até então as fontes de estudo mais fidedignas utilizadas em sala de aula vinham das coleções, livros e pesquisas efetuadas pelos próprios professores de artes.

Muitas vezes, as suas próprias custas, construíam o seu material pedagógico minimamente satisfatório para utilização com seus alunos em sala de aula, obviamente, sem abandonar ou desconsiderar nessa construção os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCNs) e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI’s).

Não devemos esquecer que o currículo não é uma realidade abstrata à margem do sistema educativo em que se desenvolve e para qual se planeja. Quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização das funções da própria escola e a forma particular de enfocá-las num momento histórico e social determinado, para um nível ou modalidade de educação, numa trama institucional. (SACRISTÁN, p.15).

Frente a esses aspectos, surgem alguns questionamentos: como as tecnologias de comunicação através de seu universo na web poderá se apresentar como elemento positivo no aperfeiçoamento, melhoria e qualidade de estudos referentes ao estudo da arte gótica, dos seus vitrais, suas cores e formas e na construção de vitrais de papel dentro do processo de aquisição de conhecimento da arte?

METODOLOGIA

A atividade a seguir foi proposta nas aulas de artes da Escola Básica Municipal Fernando Brüggemann Viegas de Amorim, localizada no bairro Jardim Janaína, município de Biguaçu, região metropolitana da grande Florianópolis, e envolveu diretamente o professor da disciplina de Artes e os alunos das turmas de 7º ano do ensino fundamental, em idade aproximada de 12 a 15 anos, perfil de idade que facilitou bastante o desenvolvimento do trabalho, em virtude das vivências e conhecimentos já adquiridos dos jovens desta faixa etária no que diz respeito à utilização e manuseio das tecnologias de comunicação, já que os alunos de hoje se encontram bastante inteirados e familiarizados com as tic's em geral. Toda pesquisa teve como base de aprendizagem à web e as tecnologias da informação e comunicação.

A aprendizagem dos alunos de Artes, para que possa ser significativa, impõe que os “conteúdos” sejam analisados e apresentados de modo a estruturarem uma rede de significações. “Conteúdo”, portanto, não é informação que se acumula, mas ferramenta com a qual se aprende a aprender e, por saber aprender, consegue se transformar. (SELBACH, 2010, p. 48)

De acordo com a proposta do trabalho, foi feito um breve levantamento sobre o número de alunos com acesso a internet em suas casas para a pesquisa e o desenvolvimento da atividade. Mesmo diante de problemas inerentes aos alunos de escola pública, como a falta de orientação da família, a ausência de livros específicos para pesquisa, ausência de equipamentos e de sinal de internet. Graças à força de vontade dos próprios alunos, conseguiu-se levar adiante a atividade



proposta. Conforme Pais (2002, p.22 e 23), “Se no passado recente o professor exercia um papel de centralizador como a principal fonte de informações para o aluno, hoje a ampliação das redes digitais, sua prática sofre uma ampliação considerável”.

Ao iniciar as atividades com uma rápida explicação sobre os objetivos e o tema a ser trabalhado, deu-se início ao projeto propriamente dito, que era o de aprofundar os conhecimentos da arte gótica e das cores na construção de vitrais em papel.

O vitral surgiu nos canteiros das abadias e catedrais góticas. Ele era uma Bíblia feita de luz que ensinava, mesmo ao analfabeto, as verdades da Fé, a História Sagrada e a história dos homens. Ele resumia todo o saber, era um espelho da vida, um apanhado do passado, do presente e do futuro. (KCHRISTIANOS, 2017)

Na mesma aula, foi apresentado aos alunos alguns vídeos e imagens referentes à arte gótica e seus respectivos vitrais, como também da arquitetura que os envolve, e o processo de confecção dos mesmos. Segundo Moran, (2004, p.44), “o primeiro passo é procurar de todas as formas tornar viável o acesso freqüente e personalizado de professores e alunos à novas tecnologias”.

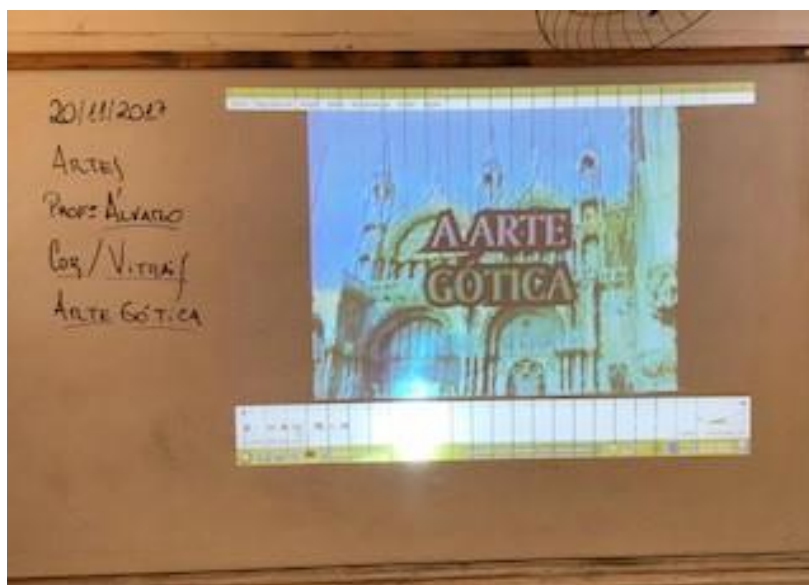


Foto 01 - Projeção de vídeo com imagens de vitrais góticos em sala de aula.

Ao discorrer sobre a importância não só da atividade em si, mas como também de como utilizar as tecnologias da informação e comunicação no aprimoramento da técnica destes trabalhos, Janson (1971, p.147), complementa:

“Sendo mais trabalhosa que a técnica dos mosaicistas, a dos mestres-vidreiros envolvia a junção, por formas variadas que acompanhavam os contornos de seus desenhos. Sendo bastante adequado ao desenho ornamental abstrato, o vitral tende a resistir a qualquer tentativa de se obter efeitos tridimensionais”.

Foi recomendado aos grupos de trabalho, quais eram as formas mais rápidas de navegar na internet para que a pesquisa fosse mais objetiva e eficiente.

[...] “o uso de tecnologia no ensino não deve se reduzir apenas à aplicação de técnicas por meio de máquinas ou apertando teclas e digitando textos, embora possa limitar-se a isso, caso não haja reflexão sobre a finalidade da utilização de recursos tecnológicos nas atividades de ensino”. (BETTEGA, 2005 p.17)

Sugeriu-se que os alunos pesquisassem no primeiro momento páginas eletrônicas e links sobre arte gótica e os vitrais, como também a técnica de construção de vitrais de papel e os respectivos materiais a serem utilizados na referida prática. Segundo Souza, (2017):

“O requinte, a complexidade e os vários materiais que envolviam a fabricação de um vitral gótico nos mostram a consolidação de um novo ideal estético marcado pela luminosidade e a variação de tons. Somente com o intercâmbio promovido pelo comércio é que podemos imaginar a existência de um processo técnico cercado por tantas exigências. Assim os vitrais, ao iluminarem as igrejas, também reafirmavam um novo período da história medieval”.

Dentro de uma mesma linha de pensamento, Martins, (2017), também sustenta:

“Nas catedrais góticas o vitral teve importância fundamental, tanto por seu efeito sensorial que produz a luz colorida que ilumina a igreja e sugere a intangibilidade do espírito de Deus, quanto por sua capacidade metafórica, pois o sol entra e sai pelo vitral, sem rompê-lo nem manchá-lo, assim como se manteve intacta a Virgem Maria depois da concepção e nascimento de Cristo”.

Na sequência, os alunos encontraram junto aos sites de busca, termos como vitrais góticos, vitrais de papel e a cor dos vitrais, o que tornou mais ágil o processo de investigação e o melhor aproveitamento das cores em relação ao trabalho. Segundo Pedrosa (2003, p.17) “[...] cor é apenas a sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão”. Ainda sobre cor, segundo Farina, (1990, p.5):

“O termo cor é sempre equivalente à expressão cor-luz. Podemos dizer que a cor constitui um evento psicológico. A Física nos explica que a luz é incolor. Somente

adquire cor quando passa através da estrutura do espectro visual. Concluímos, pois, que a cor não é uma matéria, nem uma luz, mas uma sensação”.

Conforme recomendado, os alunos tiveram acesso a várias opções na web, onde visualizaram e registraram uma grande quantidade de imagens com vitrais coloridos, o que ajudou significativamente na execução e montagem dos vitrais em papel, facilitando sobre maneira na escolha e harmonização dessas cores na confecção dos referidos vitrais.

O círculo cromático ou círculo de cores são uma representação visual de cores. A organização (...) foi uma preocupação de vários cientistas. É uma forma de classificar as cores e de colocá-las numa ordem (COSTA, 2009 p.6).

Após o levantamento supracitado e a apresentação de imagens e vídeos relacionados ao tema, os alunos puderam observar melhor quase tudo o que se refere aos vitrais, desde sua criação e história como também sobre suas combinações de cores, formas, temas representados, suas particularidades e o processo de confecção e execução.

Depois de reunir todo o material necessário para o trabalho prático, foi dado início as atividades de confecção dos vitrais em papel, onde no primeiro momento cada membro dos grupos de trabalho construiu seu próprio esboço ou projeto em uma folha A4, ou no caderno de desenho, sendo que o referido esboço teve como base um espaço em forma de arco gótico, onde cada um dos alunos colocou dentro deste espaço suas idéias através de desenhos coloridos que projetaram.



Na sequência, através de um breve processo de votação dentro de cada equipe, os alunos escolheram o melhor trabalho entre eles, que posteriormente o referido trabalho foi utilizado pelo grupo na montagem do vitral de papel que representou o trabalho final. Concluído o referido esboço, já devidamente avaliado pelo professor, cada grupo de trabalho com seu desenho escolhido por votação, passou ao segundo momento na execução e montagem do vitral em papel.

No segundo momento o grupo estendeu sobre a mesa o papel cartão com a parte preta para baixo, deixando para cima a parte mais clara para facilitar o desenho em termos de visualização dos traços e dos detalhes preenchidos com giz de cera ou lápis de cor.



Foto 03- Grupo de alunos produzindo vitrais góticos em papel.

Feito o desenho, os alunos deram continuidade ao trabalho conforme o projeto e os cortes nos espaços demarcados e preenchidos com cor para não confundir o que seria cortado. As partes coloridas foram devidamente cortadas com tesoura e/ou estilete, onde posteriormente foi preenchido com o papel celofane em várias cores, o que causa o esperado efeito do vidro colorido nas partes vazadas, constituindo-se assim na finalização do vitral propriamente dito.

Nas duas etapas de confecção do vitral em papel o material usado pelos alunos foi o caderno de desenho ou folha branca A4, lápis grafite comum, borracha, régua, giz de cera, lápis de cor, papel cartão A2 na cor preta, papel celofane, tesoura, cola e estilete para ajudar nos reparos e acabamentos.



Foto 04 – Exemplar de vitral gótico em papel produzido por um grupo de alunos.

Concluída as etapas de criação do projeto, construção e montagem do vitral, passou-se ao processo de avaliação e socialização dos trabalhos efetuados pelos alunos.

Avaliar, como tarefa docente, mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. É uma tarefa que dá identidade à professora, normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidades e rupturas, orienta a prática pedagógica. (ESTEBAN, p.14).

Conhecer os vitrais góticos e as cores por meio das tecnologias da informação e comunicação ressaltou importância das tic's no cotidiano da escola nos últimos tempos.



Foto 05 - Visão interna dos vitrais góticos em papel expostos no pátio da escola.

O projeto se deu por finalizado após conclusão dos vitrais em papel produzidos pelos alunos em sala de aula, pela avaliação do professor e com a exposição dos respectivos trabalhos nas janelas do pátio coberto da escola. Também foram divulgados na rede social, o que proporcionou a socialização da atividade aos alunos da turma entre si, como também de outras turmas, professores de outras disciplinas, orientadores, supervisores, direção, demais funcionários e membros da comunidade escolar. Tais encaminhamentos em relação aos trabalhos contribuíram para uma avaliação mais ampla do professor em relação à receptividade do projeto proposto como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como proposta inicial a idéia de utilizar as tecnologias da informação e da comunicação, as tics, como uma conexão específica de aprofundamento e aquisição de conhecimento no que se refere aos conteúdos apresentados, no caso, os vitrais góticos, as cores e a confecção de vitrais em papel.

Segundo Moran (2007, p.162) “As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo”. Com a utilização das tics se fez uma conexão técnico-científica que facilitou não só na agilidade da pesquisa de conteúdos

em si, como também no aperfeiçoamento e eficiência no registro dos conteúdos referentes aos temas trabalhados nas aulas de arte.

Ao fazermos com que os alunos do 7º ano do ensino fundamental participassem desta atividade, proporcionamos a esses jovens, uma nova visão sobre a arte gótica, sobre as cores e os vitrais, observando e ampliando os seus olhares no que se refere existência destes itens no decorrer da história antiga, assim como nos dias de hoje e no cotidiano das suas vidas.

Uma das dificuldades dos alunos do 7º ano no processo de confecção dos vitrais foi a falta de material, como folhas de papel cartão e papel celofane, e etc. Problema comum nas escolas de periferia onde os mesmos se reuniram e conseguiram solucionar entre si fazendo com que a atividade fosse devidamente concluída. Além disso, a pesquisa deste trabalho, que deveria contar com uma sala de informática devidamente montada para consultas, também foi comprometida pela inexistência de aparelhos e periféricos adequados, assim como a ausência quase total de sinal da internet. Conforme Moraes Fº, (2016):

“A deficiência no acesso e a má qualidade da conexão são apenas a ponta do iceberg dos problemas enfrentados pela população, que busca no ambiente digital, uma possibilidade de se expressar, interagir e se informar de forma livre e autônoma”.

Mesmo assim a proposta de trabalho foi mantida e o trabalho foi aplicado e executado com sucesso, superando as dificuldades encontradas. O prazer dos trabalhos práticos de arte, assim como as tecnologias, ainda provoca perante os jovens e adolescentes uma motivação extraordinária, fazendo com que qualquer adversidade seja superada com relativa facilidade. Segundo Siqueira Neto, (2004), [...] “A motivação é energia para a aprendizagem” [...].

De maneira geral, quase a totalidade dos alunos dos 7º anos envolvidos na atividade, não só compreenderam a essência do trabalho, como também concluíram o mesmo mantendo-se focados ao tema, ainda que com algumas barreiras inerentes as dificuldades de uma escola pública.

A facilidade de trabalhar com o jovem de hoje mediante as várias opções de tecnologias da informação e da comunicação, potencializa a troca de conteúdos entre disciplinas, facilitando sobre maneira o processo de interdisciplinaridade, como neste caso, onde a tecnologia, a história e arte se concentraram em um único objetivo. Segundo Fazenda (2002, p.15) “[...] o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma exaustiva.

Tenta, pois, o diálogo com outras fontes do saber deixando-se irrigar por elas”.

No Brasil ainda se discute muito sobre o acesso público a internet, existe um vai e vem permanente por parte do governo federal em relação ao processo de democratização deste serviço, o fato é que ainda estamos bem distantes daquilo que almejamos como ideal, ou seja, uma internet gratuita e de qualidade para todos e não o que encontramos no cotidiano da maioria das escolas públicas espalhadas pelo país. Conforme Castells, (2007):

“As redes web de informações/comunicação têm uma importância crescente na mobilização de conhecimentos pela população em geral. No entanto o acesso às novas tecnologias ainda está longe de ter a participação desejada. Requer-se um acesso indiferenciado à informação e comunicação pela população em geral como forma de construirmos uma sociedade mais democrática”.

O emprego das tics, além facilitar e viabilizar o processo de interação interdisciplinar aproxima de maneira incontestável o aluno do conhecimento, até então muito distante.

“Ninguém em sã consciência rejeitaria a presença da tecnologia nos processos de educação em geral da escola em particular. Por exemplo, sabemos da importância das plataformas digitais, dos computadores e suas várias lateralidades no processo escolar. No entanto, é necessário ter cautela. De um lado, não podemos ter informatofobia, medo do uso da informática no processo de educação. Por outro lado, não podemos ter informatolatria, adoração dos meios digitais, achando que eles são a única solução. Entre a informatofobia, e a informatolatria, é necessário compreender que não é a tecnologia em si que moderniza o trabalho escolar, mas sem ela esse trabalho não fica modernizado. Um professor ou uma professora não se torna alguém com uma mente moderna porque usa tecnologia. É que uma mente moderna não recusa a tecnologia quando ela é necessária. Nesta hora, o arsenal de material tecnológico no processo educacional precisa ser colocado de maneira equilibrada. Não pode se ausentar. Não é ele que vai resolver as nossas questões de educação, mas, sem meios, a educação fica mais prejudicada, com menos consistência. Não devemos recusar totalmente aquilo que nos ajuda a elevar nossa capacidade, tampouco achar que é um a remédio universal que dá conta de todas as demandas”. (CORTELLA, 2014, p.35).

Essa prática educativa é irreversível nos dias de hoje, possibilitando uma visão muito além dos muros da escola, que se solidifica ainda mais com a democratização da internet, viabilizando aos alunos da escola pública o sonho real de navegar por mares até então nunca antes navegados, consolidando e modificando de maneira profunda suas vidas e vários paradigmas do processo de ensino aprendizagem.

Referências

- BETTEGA, Maria Helena Silva. A educação continuada na era digital. São Paulo: Cortez, 2005, p.17.
- BEHRENS, Marilda Aparecida, Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21.^a ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- BOCK, Ana M. Bahia (org). Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13.^a ed. São Paulo, SP: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996^a, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 23/12/96, Brasília, DF.
- _____. Diretrizes curriculares nacionais para educação básica. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>, 2009.
- _____. Parâmetros curriculares nacionais: 1^a a 4^a série. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Parâmetros curriculares nacionais: 5^a a 8^a série. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEB, 2000.
- _____. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 2001.
- BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf. Acesso em: 29 de dezembro de 2017.
- CASTELLS, Manuel. Democratização do acesso à informação e ao conhecimento: a educação na sociedade em rede. 2007, <<http://liveineduc.blogs.sapo.pt/4073.html>> Acesso em: 31 de dezembro de 2017.
- CORTELLA, Mario Sergio. Pensar bem nos faz bem!: 1. Filosofia, religião, ciência e educação. 2.^a ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.
- COSTA, Isabel. Cor-Luz. 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/2228530/cor-luz>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2017.
- ESTEBAN, Maria Teresa, organizadora, OLIVEIRA, Inês Barbosa e PACHECO, Dirceu Castilho. Escola, currículo e avaliação. 4.^a ed. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

- FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. 4.^a ed. São Paulo, SP: Edgard Bücher, 1990.
- FAZENDA, Ivani C. A. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. 5.^a ed. São Paulo: Loyola, 1991.
- JANSON, H. W. JANSON, Anthony F., Iniciação a história da arte. 2.^a ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.
- KHRISTIANOS, Rodolfo, Síntese da história do vitral, <<http://khristianos.blogspot.com.br/2012/10/sintese-da-historia-do-vitral.html>>. Acesso em 30 de dezembro de 2017.
- MARTINS, Simone, História das artes, Sala dos professores, Técnicas artística: o virtual. Fev.2017.<<http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/tecnicas-artisticas-ovitral/>>. Acesso em 29 de dezembro de 2017.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos Tarciso, BEHRENS, Marilda Aparecida, Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21.^a ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- MORAN. José Manuel, Os novos espaços de atuação do educador com as novas tecnologias. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranOsnovos.htm>>. Acesso em 30 de dezembro de 2017.
- MORAN, José Manuel. Desafio na comunicação pessoal. 3.^a ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.
- MORAES F^o, Ivan, Carta, Sociedade, A internet democratizou tudo?<<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/201ca-internet-democratizoutudo201d-para-quem>> Acesso em 31 de dezembro de 2017.
- PAIS, Luiz Carlos, Educação escolar e as tecnologias da informática. Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2002.
- PEDROSA, Israel. Da cor a cor inexistente. 9.^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Léo Christiano Editorial. 2003.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. 3.^a ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.
- SELBACH, Simone, (supervisão geral) Arte e didática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. "Os vitrais góticos"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/os-vitrais-goticos.htm>>. Acesso em 29 de dezembro de 2017.

SIQUEIRA NETO, Armando Correa. Motivação Infantil: sua importância para a vida adulta. Artigos de opinião, Psicologia. PT, 2004. Disponível em:<http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniaio.php?codigo=AOP0023&area=d3>, Acesso em: 30 de dezembro de 2017.

Álvaro Augusto Rodrigues

Graduado em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas pela UDESC/CEART em 1986. Pós-graduado em Mídias e Novas Tecnologias na Educação pela FURG/RS em 2011. Mestrando em educação/UDE/Montevidео/UY. Professor efetivo de Artes, atuando no ensino médio e fundamental na EEB Profa. Tânia Mara F. S. Locks e também na EBM Fernando B. Viegas de Amorim respectivamente, ambas no município de Biguaçu - SC.



PROJETO MORRO GRANDE EM ARTE: EXPERIÊNCIA, ARTE CONTEMPORÂNEA E DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Mikael Miziescki - UNIVILLE

RESUMO

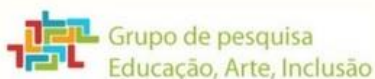
Esta escrita tem por objetivo, contextualizar e refletir algumas experiências em torno do projeto Morro Grande em Arte, aplicado na EMEF Prefeito Dário Crepaldi e EEB Ana Machado Dal Toé, na cidade de Morro Grande no extremo sul catarinense. O projeto visa desconstruir estereótipos e oportunizar vivências relacionadas as diferentes linguagens artísticas, valorizando a cultura do Brasil, do estado de Santa Catarina e do município de Morro Grande, contemplando a história da arte como referencial teórico-prático, enaltecendo o processo criativo dos alunos na busca por refletir a disciplina enquanto produtora de conhecimento. Tudo que é produzido no respectivo ano letivo, é exposto em uma mostra coletiva na cidade, junto de artistas contemporâneos convidados da região. Trata-se de uma das dez melhores pesquisas educacionais do Brasil, reconhecida pelo Prêmio Educador Nota 10 – 2018. A luz de um referencial teórico, esta escrita, busca dialogar com os conceitos de experiência, arte contemporânea e desconstrução de estereótipos, além de apresentar algumas experiências teórico-metodológicas em torno das cinco edições da pesquisa (2014-2018) e de um breve histórico do município de Morro Grande/SC.

Palavras-chave: arte; educação; desconstrução.

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2014, início de ano letivo, entro pela primeira vez nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Dário Crepaldi, na pacata comunidade de Nova Roma, localizada no município de Morro Grande no extremo sul catarinense. Segundo ano enquanto professor de Artes, 19 anos de idade, cheio de sonhos e com muita vontade de exercer o que vinha pesquisando em âmbito acadêmico, desafiei-me a compreender a realidade do local. Diagnóstico, este, que procurei fazer ouvindo meus novos alunos, colegas e comunidade. Minha cidade possui, aproximadamente, três mil habitantes e se constitui em torno da agricultura e pecuária. Pessoas simples, trabalhadoras e de forte influência da imigração italiana. Meus alunos são, na sua maioria, filhos, sobrinhos, irmãos, netos e quaisquer outro parentesco, de rizicultores, avicultores, fumicultores, madeireiros, produtores de leite, entre outros.

Minha escola possui cerca de 200 alunos, de primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, possuindo aula de italiano e informática no contraturno. Meu grupo escolar (pais, professores e alunos), em sua maioria, entendiam a disciplina de Artes enquanto propagadora de estereotípias, considerando como “conteúdos”, as datas comemorativas (as lembrancinhas de dia dos pais, dia



das mães, entre outras), a decoração da escola (enfeites para festa junina, enfeites de sala de aula, reunião de pais, natal, calendário de aniversariantes, entre outros), o artesanato, a releitura enquanto cópia (pintar desenhos impressos sobre obras famosas da história da arte, de desenhos animados, de filmes hollywoodianos, entre outros) e a arte enquanto recurso pedagógico para as demais disciplinas. Meus alunos entendiam que nossa cidade, nosso estado e nosso país, não possuíam qualidade artístico-cultural (se é que isso existe), que seu lugar não tinha potencialidade exploratória de pesquisa, que sua própria produção artística não possuía valor algum e tinha um destino, após ser avaliada: o lixo. Sofriam ao tentar representar cópias em seus trabalhos – um ideal de beleza imposto em suas mentes; sofrimento excessivo por não conseguir externar o “molde” no papel -, havia uma grande preocupação com o perfeccionismo, recusa a abstração e uma grande falta de valorização da disciplina num todo. Desconheciam artistas catarinenses e arte contemporânea.

A partir dessas e outras inquietações, crio o Morro Grande em Arte¹: projeto que visa desconstruir estereótipos e oportunizar vivências relacionadas as diferentes linguagens artísticas, valorizando a cultura do Brasil, do estado de Santa Catarina e do município de Morro Grande, contemplando a história da arte como referencial teórico-prático, enaltecendo o processo criativo dos alunos na busca por refletir a disciplina enquanto produtora de conhecimento. Tudo que é produzido em sala de aula (o resultado e o processo), são expostos no mês de novembro de cada ano, em uma mostra coletiva que intervém espaços disponíveis da cidade, como salões comunitários, clubes e salões paroquiais. Essa escrita visa expor algumas das experiências e desafios em torno das edições de 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018. Nossas exposições mesclam produções de alunos e de artistas catarinenses convidados - na sua grande maioria, artistas da região do extremo sul de Santa Catarina, estudados enquanto conteúdo em sala de aula -, resultando em mais 2 mil visitantes e 1400 obras ao longo das cinco edições do projeto. O Morro Grande em Arte cria espaços artísticos e culturais, em uma cidade que não possui museus, secretaria de cultura e nem recursos para as propostas. Desafio constante, que nos proporcionou resultados incríveis. O projeto foi vencedor do Prêmio Educador Nota 10², entre as dez melhores pesquisas da Educação Básica do Brasil em 2018. Além disso, foi semifinalista do Prêmio Arte na Escola no mesmo ano. O Ministério da Educação e o Gabinete da Presidência da República Federativa do Brasil, concederam o título de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo a mim e aos meus outros nove colegas vencedores do prêmio.

PROJETO MORRO GRANDE EM ARTE: EXPERIÊNCIA, ARTE CONTEMPORÂNEA E DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

O Morro Grande em Arte é uma pesquisa educacional aberta, hoje aplicada em duas escolas públicas (EMEF Prefeito Dário Crepaldi – 2014-2018 - e EEB Ana Machado Dal Toé – 2017-2018), que busca refletir a Arte enquanto produtora de conhecimento. Hoje, o projeto premiado, é um desafio constante e busca desconstruir conceitos alicerçados na educação básica. Metodologicamente, as práticas em torno dessa pesquisa, se desenrolam no pressuposto da experiência. Seu objetivo geral se desenrola em desconstruir estereótipos e oportunizar vivências relacionadas as diferentes linguagens artísticas, valorizando a cultura do Brasil, do estado de Santa Catarina e do município de Morro Grande, contemplando a história da arte como referencial teórico-prático, enaltecendo o processo criativo dos alunos na busca por refletir a disciplina enquanto produtora de conhecimento.

Partindo do pressuposto da experiência, o Projeto Morro Grande em Arte é uma obra aberta, desconstrutora, de resignificação constante e que possibilita se modificar no decorrer do ano letivo, perante sugestões e necessidades apresentadas pelos próprios alunos, o professor e os artistas convidados. É importante ressaltar, que os educandos são o alicerce do projeto, portanto suas contribuições são de extrema relevância na composição das edições da pesquisa. As propostas giram, em sua totalidade, em torno de inquietações, provocações e questões contemporâneas, pensando na construção de uma identidade crítico-reflexiva e valorizando a arte enquanto conhecimento.

O projeto se inicia através do primeiro dia do ano letivo, com todas as turmas do Ensino Fundamental II – Anos Finais da escola e termina em novembro com uma exposição coletiva dos trabalhos produzidos. Pautadas na desconstrução, crítica e reflexão, as aulas são ministradas de formas múltiplas, como por exemplo, as saídas de campo: as igrejas, casas de artesãos, paisagens naturais e outros espaços no entorno da escola, na UNESC, galeria de arte e teatro em Criciúma (Santa Catarina), no Museu Willy Zumblick, Museu Ferroviário, Igreja São José de Operários e Catedral Metropolitana em Tubarão/SC, entre outros. São várias as referências artísticas, culturais e museológicas, para a composição do projeto, construído em conjunto entre professor e alunos. Além da visita nesses espaços, as aulas permeiam a provocação teórico-prática, envolvendo a inquietação do pensar e propondo uma lógica crítico-reflexiva a cada trabalho, dinâmica e composição. Costumo trabalhar na lógica de questionar, ao invés de jogar informações aleatórias, se distanciando dos métodos tradicionais. Cada conteúdo é apresentado de forma múltipla, utilizando materiais diversos, como textos, apresentação de slides, imagens, mapa conceitual,

narrativas, contação de histórias, vídeos, filmes, entre outros. A experiência é o melhor caminho para a construção de conhecimento em/sobre arte.

Na primeira edição, em 2014, a mostra do projeto aconteceu em uma feira interdisciplinar na cidade, atraindo cerca de 150 visitantes. Contou com aproximadamente cem produções de alunos do 4º e 6º ano, incluindo escultura, desenho, pintura, fotografia e colagem. A exposição durou apenas 6 horas, montada em uma sala de aula pequena nas dependências da EEB Ana Machado Dal Toé.

Figura 1 – Exposição Morro Grande em Arte – 1ª Edição, 2014.



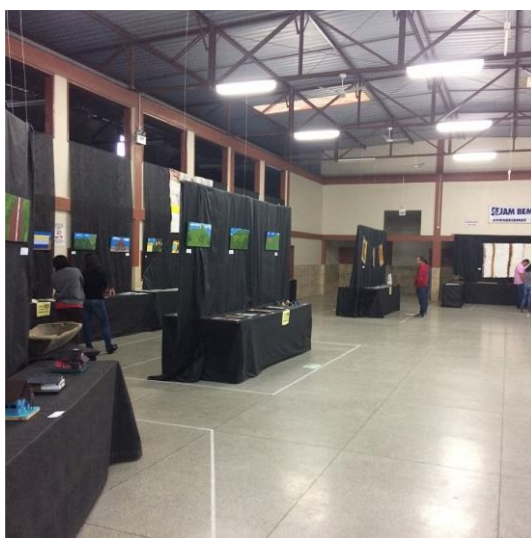
Fonte: Acervo do pesquisador.

Nas edições de 2015 e 2016, o evento se tornou independente, acontecendo como exposição coletiva no Clube Santa Cruz. As duas edições receberam cerca de 500 visitantes e contou com mais de 300 produções dos alunos de 6º ao 9º ano. Na edição de 2017, tivemos cerca de 500 peças na exposição coletiva final, organizadas pelos próprios alunos junto do professor, passeando pelas linguagens e técnicas do desenho, pintura, xilogravura, fotografia, instalação, objetos históricos (de apropriação), escultura, serigrafia, maquetes, entre outras. A temática dos trabalhos foram uma variação entre cultura brasileira, crítica e reflexão, paisagens do município, religiosidade, agricultura, entre outros. Além das produções dos alunos, convidamos 10 artistas para expor em conjunto com os alunos, na ideia de mesclar todas as propostas, sem divisão ou setorização. São eles: Sergio Honorato (Criciúma/SC), Malu Dal Pont (Meleiro/SC), Aline De Noni (Jacinto Machado/SC), Bel Duarte (Criciúma/SC), Angelica Neumaier (Santa Maria/RS), Leonardo Santoli (Santiago/RS), Victória Jorge (Lauro Müller/SC), Maíra Cândido (Braço do Norte/SC), Marine Spader (Morro Grande/SC) e João Miot (Araranguá/SC). Muitos desses artistas foram

trabalhados enquanto conteúdo durante o ano letivo e se fizeram presentes no dia do evento. Os alunos ajudaram a fazer a curadoria, a montar e distribuir os trabalhos, além de etiquetar, conservar e catalogar cada produção. A exposição aconteceu no Salão de Festas da igreja na comunidade de Nova Roma e durou dois dias: 22 e 23 de novembro, das 08h às 22h. Recebemos 700 visitantes aproximadamente, de cinco municípios vizinhos, incluindo pais, alunos e autoridades municipais.

Esta edição rendeu muitos frutos. O projeto foi condecorado entre os 10 melhores do país no Prêmio Educador Nota 10 em 2018, além de ser semifinalista do Prêmio Arte na Escola do mesmo ano. O Ministério da Educação e o Gabinete da Presidência da República Federativa do Brasil, concederam o título de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo a mim e aos meus outros nove colegas vencedores do prêmio.

Figura 2 – Exposição Morro Grande em Arte – 4ª Edição, 2017.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A edição comemorativa de cinco anos do projeto, aconteceu em 2018 no Salão de Festas da comunidade de São Bento. A mostra reuniu mais de 700 produções de alunos do ensino fundamental da EMEF Prefeito Dário Crepaldi e ensino médio da EEB Ana Machado Dal Toé, além dos 17 artistas convidados (de quatro estados diferentes do Brasil): Angélica Neumaier (Santa Maria/RS), Odete Calderan (Sananduva/RS), Bel Duarte (Criciúma/SC), Sérgio Honorato (Criciúma/SC), Alan Cichela (Criciúma/SC), Willy Zumblick (Tubarão/SC), Mauro Rosa (São Bernardo do Campo/SP), Malu Dal Pont (Meleiro/SC), João Miot (Araranguá/SC), Victória Jorge (Lauro Müller/SC), Catarina Siqueira (Criciúma/SC), Aline De Noni (Jacinto Machado/SC), Maíra Cândido (Braço do Norte/SC), Silemar Silva (Criciúma/SC), Jussara Guimarães (Criciúma/SC) e Paulo Vitu (Rio de Janeiro/RJ). Fotografia, pintura, xilogravura, serigrafia, desenho, escultura,

instalação, colagem, entre outros. Recebemos mais de 1000 visitantes ao longo dos quatro dias de evento.

Para Bondía (2002), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca”, ou seja, “a informação não é experiência” (p.21), é aquilo que nos modifica, nos desloca e nos rompe. A experiência nos marca e seu saber se torna “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (p.27), ela transforma e modifica possibilitando ao sujeito da experiência se construir de novo, se reinventar. Jacques Rancière (2009a), considera que “as práticas artísticas são “maneiras de fazer” que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (p. 17). Em seu livro “*O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*”, Rancière (2015b) chama de embrutecedor, o educador que adota uma postura de única fonte de conhecimento, de um patamar tradicionalista, que embrutece o aluno colocando-o na qualidade de expectador passivo. Este que apenas espera que algo aconteça. O sujeito no espaço da emancipação pode e deve ser possibilitado pelos mestres. O espaço da experiência. O mestre embrutecedor e o mestre emancipador, possuem uma grande diferença em outra dicotomia proposta por Rancière (2012c): a passividade e a atividade. “O papel atribuído ao mestre é o de eliminar a distância entre seu saber e a ignorância do ignorante”, entendendo que “suas lições e os exercícios que ele dá têm a finalidade de reduzir progressivamente o abismo que os separa” (p. 13). O espectador emancipado, citado pelo autor, é crítico, defende suas colocações e o que acredita, é convicto com suas propostas e está aberto a ampliar seu repertório artístico-cultural. Ele é um estudante ativo, que questiona, propõe relações e dialoga com seus saberes, entendendo-os como fundamentais na sua formação cultural, mas não enquanto dogmas e pressupostos acomodados. Em contraponto, o mestre embrutecedor, corre na contramão desse fluxo, promovendo a passividade intelectual e exigindo aquilo que ele mesmo não consegue promover.

Figura 3 – Processo de criação de xilogravuras; Morro Grande em Arte – 5ª Edição, 2018.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A relação entre escola e curadoria, se dá por necessária, a partir do momento que o educador passa a compreender seu aluno e o espaço de onde ele está inserido, enquanto indivíduos com capacidades múltiplas de saberes. Nessa perspectiva, apresento o termo *professor-curador*, que se dá a partir de questionamentos e inquietações que tenho enquanto educador ao longo da minha trajetória na educação básica. Segundo Fernando Cocchiareale (2006), o curador tem a função de “criar temas, selecionar os artistas e as obras num circuito de exposições independentes ou institucionais” (p.74). A escola é uma instituição parada num tempo que não é o mesmo dos alunos que fazem parte dela. O professor na condição de curador, se desafia a aproximar essas esferas, ampliando suas estratégias de ensino, convidando esses jovens a encontrarem – juntos - temas pertinentes, evoluindo metodologicamente no contexto em que ambos se inserem e possibilitando espaços que se constituem para além dos muros da escola. A importância da compreensão do aluno, perante as questões e produções compostas por ele próprio, no sentido de impulsionar suas intencionalidades, o torna emancipado. Abrir espaços (físicos ou momentâneos), é ampliar as potencialidades crítico-reflexivas na pesquisa em arte dentro de uma educação emancipatória.

O intuito, através dessa lógica, é de tentar com as edições do Morro Grande em Arte, trazer o público para dentro dos espaços e sempre envolver contextos que desconstruam essa visão midiática da arte. A começar pelos alunos e se estender à comunidade em geral, insiro a arte contemporânea, assim como a moderna, no intuito de questionar e inquietar. Enquanto professor-curador, tento de várias formas trazer a meu favor, as complexidades em torno da sociedade e da

Arte, debatendo e instigando pesquisas, experimentações e reflexões, para construirmos juntos, uma nova edição do projeto que continue a provocar e a mobilizar a comunidade interna e externa da escola a partir do conhecimento e da experiência com a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência transforma, modifica. A arte tem esse potencial, de nos tocar, nos tirar da zona de conforto, nos propor relações, nos abrir os horizontes, enfim, nos metamorfosear. “De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação”, dessa forma “[...] a experiência me forma e me transforma” (BONDÍIA, 2002, p.7). Essa metamorfose que cito, vem das minhas experiências com os meus alunos ao longo desse projeto. Eles me modificaram e me propuseram ser um professor em constante mudança, valorizando as suas verdades e entendo-os como produtores de conhecimento.

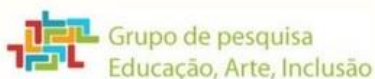
Sergio Honorato, Bel Duarte, Malu Dal Pont, Victória Jorge, Maíra Cândido, Willy Zumblick, Angelica Neumaier, Odete Calderan, Mauro Rosa, Alan Cichela, João Miot, Catarina Siqueira, Aline De Noni e Silemar Silva, são alguns dos artistas participantes das exposições do Morro Grande em Arte. As produções de meus alunos ficam ao lado das produções desses artistas. Não há comparação, não há divisão e nem mesmo hierarquia. O Morro Grande em Arte busca valorizar a arte enquanto produtora de conhecimento, ampliar horizontes e agregar experiência positiva a todos. Artistas, escola, alunos, professores e comunidade. Todos juntos na amplitude de entender que arte modifica, é de suma importância, é um mundo a ser descoberto e faz toda a diferença na vida das pessoas. Meus alunos, hoje, dão visibilidade a história e a cultura da sua cidade e estão no processo de inserção da mesma, na construção de sua identidade. A cada dia, percebo o quão grande é minha responsabilidade! Espero que o projeto ganhe ainda mais visibilidade e alcance voos ainda não sobrevoados.

NOTAS

¹Objeto de pesquisa do artigo final para obtenção do título de especialista em Teoria e História da Arte (UNESC), intitulado “O ensino da arte e a experiência: narrativas em torno do projeto Morro Grande em Arte” (2018), sob orientação da professora Aurélia Regina de Souza Honorato. Essa escrita, é uma adaptação desse artigo.

²O maior prêmio da Educação Básica brasileira, promovido pelas fundações Victor Civita e Roberto Marinho, Grupo Globo e demais parceiros.

Referências



BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de arte contemporânea.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** Estética e Política. 2ª ed. São Paulo: EXO; Editora 34, 2009a.

_____, Jacques. **O espectador emancipado.** São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012c.

_____, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução: Lílian do Valle. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

Mikael Miziescki: Licenciado em Artes Visuais (UNESC), Especialista em Teoria e História da Arte (UNESC), Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE), professor de Artes, vencedor do Prêmio Educador Nota 10 (2018) e Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo (MEC/2018).



O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA: A SITUAÇÃO DO IFSC

Luciana Cesconetto Fernandes da Silva – IFSC

Patrícia Nunes Martins- IFSC

RESUMO

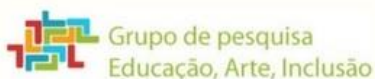
O artigo aborda o resultado parcial da pesquisa intitulada “*O ensino da arte na Educação Básica, Técnica e Tecnológica: a situação do IFSC*”, iniciada em agosto de 2019. Apresentamos um mapeamento inicial da situação do ensino da arte nos Cursos Técnicos Integrados do IFSC, especificamente no que diz respeito aos anos/fases em que a Unidade Curricular (UC) é oferecida, sua carga horária, como a disciplina é intitulada nos PPC dos cursos, a característica da ementa - se específica, genérica ou polivalente e a formação dos professores. A partir dos dados apresentados, as autoras fazem uma análise preliminar da situação encontrada.

Palavras-Chave: Ensino da arte; Projeto Político Pedagógico; Curso Técnico Integrado.

Apresentamos aqui o resultado parcial da pesquisa exploratória intitulada “*O ensino da arte na Educação Básica, Técnica e Tecnológica: a situação do IFSC*”, iniciada em agosto de 2019. O projeto visa mapear e analisar a situação do ensino da arte nos Cursos Técnicos Integrados (CTI) ao Ensino Médio do IFSC (considerando a legislação vigente sobre o ensino da arte na Educação Básica), especificamente no que diz respeito aos anos/fases em que a Unidade Curricular (UC) é oferecida, sua carga horária, como a disciplina é intitulada nos PPC dos cursos, características da ementa - se específica ou polivalente, espaço físico, formação dos professores e como trabalham, relativamente à sua formação.

Ao mapear a real situação da rede a respeito do ensino formal da arte, pretendemos também identificar as reais necessidades que este apresenta, levando em consideração a legislação vigente, os PCNs e diretrizes nacionais, para que possamos melhor fundamentar iniciativas institucionais – construção de uma política e de diretrizes para o ensino de arte na instituição. Entendemos que este estudo possa ser o primeiro de uma série que venha a integrar um projeto mais amplo que possa constituir um Observatório do Ensino da Arte nos Institutos Federais visando contribuir para a fundamentação de políticas relacionadas ao ensino da arte na rede a nível estadual, regional e, eventualmente, nacional.

Em um primeiro momento, analisamos os PPCs dos CTI ao Ensino Médio dos 16 câmpus que os oferecem, buscando identificar o número de professores de arte que atuam em cada câmpus, sua formação específica, em quais anos ou semestres (também denominados de fases



ou módulos) a UC é ofertada, qual sua carga horária e nomenclatura. Obtivemos as seguintes informações:

Tabela 1: Dados sobre arte em cada campus do IFSC

	Área de formação do docente	Nº de docentes por área	Curso Técnico Integrado	Ano/ Fase em que a UC é ministrada	Nome da UC	Carga horária total da UC
Araranguá	Teatro	1	CTI Eletromecânica	1º e 2º ano	Artes I (80h)	120h
			CTI em Vestuário		Artes II (40h)	
Caçador	Artes Visuais	1	CTI em Informática	1º e 2º ano	Artes I (80h)	160h
			CTI em Plásticos		Artes II (80h)	
Canoinhas	Artes Visuais	1	CTI em Administração			
			CTI em Alimentos	1º, 2º e 3º ano	Arte I (40h)	120h
			CTI em Edificações	1º, 3º e 5º sem. (de 6)	Arte II (40h)	
					Arte III (40h)	
Chapecó	Artes Visuais	1	CTI em Informática	1º, 2º e 3º (de 8)	Artes I (40h)	120h
					Artes II (40h)	
					Artes III (40h)	
			PROEJA - Eletromecânica	6º sem. (de 6)	Artes (40h)	40h
Criciúma	Artes Visuais	1	CTI em Mecatrônica	1º ano (de 3)	Artes	80h
			CTI em Edificações			
			CTI em Química			
Fpolis/ Mauro Ramos	Música	3	CTI em Eletrotécnica	2ª (40h) e 3ª fase (40h) (de 8)	Artes/ cultura Visuais	80h
	Artes Visuais	3	CTI em Química		Música	
	Teatro	1	CTI em Eletrônica		Teatro	
			CTI em Edificações			
			CTI em Saneamento			
Fpolis/ Continente			PROEJA - Cozinha	2º módulo (de 6)	Artes	40h
			PROEJA - Panificação	1º módulo (de 5)	Artes	40h
Garopaba	Dança	1	CTI em Informática	2º e 3º ano (de 3)	Artes I (80h)	140h
			CTI em Administração		Artes II (60h)	
Gaspar	Artes Visuais	1	CTI em Vestuário (em extinção)	1º e 2º sem. (de 8)	Arte I (40h)	80h
			CTI em Informática	1º e 2º sem. (de 6)	Arte II (40h)	
			CTI em Química	1º e 2º sem. (de 6)		
Itajaí	Artes Visuais	1		2º, 3º, 4º e 5º sem. (de 6)	Arte I (60h)	180h
			CTI em Mecânica		Arte II (40h)	
					Arte III (40h)	
					Arte IV (40h)	
			CTI em Recursos Pesqueiros	1º, 2º, 3º e 5º sem. (de 6)	Artes (60h)	180h
					Artes II (40h)	
					Artes III (40h)	
					Artes (40h)	
Jaraguá do Sul	Artes Visuais	1	CTI em Vestuário	Da carga horária total das disciplinas básicas, não há carga horária específica destinada à arte.		
			CTI em Química	7º e 8º módulos (de 8)	Arte I (40h)	80h
			CTI em Mecânica		Arte II (40h)	
Joinville	Teatro	1		7º e 8º módulos (de 8)	Arte/Teatro I (40h)	80h
			CTI em Eletroeletrônica		Arte/Teatro II (40h)	
Palhoça	Teatro	1	CTI em Tradução e Interpretação de Libras	Da carga horária total das disciplinas básicas, não há carga horária específica destinada à arte.		
	Artes Visuais	1	CTI em Comunicação Visual	Da carga horária total das disciplinas básicas, não há carga horária específica destinada à arte.		
			PROEJA - Manutenção e Suporte em Informática	1º e 4º módulos (de 4)	Artes I	70h
					Artes II	
São Carlos	Artes Visuais	1	CTI em Agropecuária	1º, 2º e 3º ano (de 3)	Arte 1 (40h)	120h
			CTI em Edificações		Arte 2 (40h)	
					Arte 3 (40h)	
São José	Artes Visuais	1	CTI em Telecomunicação		Artes	40h
			CTI em Refrigeração e Climatização	3º e 4º (de 8)		
			PROEJA – Operador de Computador	2ª fase (de 4)	Artes	20h

São Miguel do Oeste	Artes Visuais	1	CTI em Agropecuária	1º, 2º e 3º ano	Artes I (40h) Artes II (40h) Artes III (40h)	120h
			CTI em Alimentos			
			CTI em Eletromecânica			
Xanxerê	Artes Visuais	1	CTI em Alimentos – semestral	1º, 2º, 3º e 4º semestres	Artes I (20h) Artes II (20h) Artes III (20h) Artes IV (20h)	80h
			CTI em Informática			
			CTI em Mecânica	1º, 2º e 3º ano	Artes I (40h) Artes II (40h) Artes III (40h)	120h
			CTI em Alimentos - anual			

Fonte: Produzido pelas autoras

Uma primeira análise destes dados nos permite afirmar que a grande maioria dos câmpus contempla apenas um professor na área de arte (exceto os câmpus Florianópolis, com 7 docentes e 3 linguagens, e câmpus Palhoça com 2 docentes e 2 linguagens). Dentre os 40 CTI regulares oferecidos pela instituição, a carga horária total destinada à área de Arte nos PPC varia de 80 a 180h, conforme exposto na tabela abaixo. Já nos 5 CTI - PROEJA a carga horária total da área no PPC varia de 40 a 70h:

Tabela 2: Relação da carga horária da disciplina e número de CTI do IFSC

CH de Arte (dentro das horas da Formação Básica)	0h	40h	80h	120h	140h	160h	180h
Quantidade de cursos CTI regulares	3	2	15	12	2	3	2
Percentual	7,5%	5%	37,5%	30%	5%	7,5%	5%

Fonte: produzida pelas autoras

Analisando as horas totais dos cursos, as horas das disciplinas que integralizam a carga horária mínima da área técnica e as horas das disciplinas da formação básica, verificamos que três cursos não têm nenhuma carga horária destinada à arte, dentre as horas obrigatórias da Formação Básica: CTI em Vestuário, do câmpus Jaraguá do Sul; CTI em Tradução e Interpretação de Libras/português e CTI em Comunicação Visual, ambos do câmpus Palhoça-bilingue.

Se compararmos o PPC desses cursos com o PPC de um CTI em mecânica ou eletrônica, por exemplo, veremos que não há equivalências entre as áreas. No câmpus Joinville, o PPC desses cursos não só têm disciplinas relacionadas à matemática com alta carga horária dentro das horas específicas da área técnica como incluem carga horária de matemática nas horas destinadas à formação básica, com ementas construídas de forma a atender aos requisitos da área técnica. Porque esta lógica não é aplicada aos cursos que tangenciam a arte? Um interprete de libras é um comunicador eminentemente gestual. Faria sentido ter, na carga horária da formação básica desse curso uma valorização (leia-se carga horária ampliada) de

unidades curriculares como dança e teatro. Infelizmente, o currículo do curso inclui apenas 60 horas para “Teatro e expressão dramática”, e isso dentro da carga horária específica da parte técnica.

Em um segundo momento, pesquisamos junto aos docentes da área, que se comunicam através de um grupo de watsap, se há espaço físico adequado para ministrar a disciplina no câmpus em que atuam, e se o espaço tem uma denominação específica, se é oficialmente um “laboratório” (o que na instituição permite ao docente alocar carga horária para coordenar o espaço).

Verificamos que praticamente todos os câmpus do IFSC dispõem de espaço físico específico para as aulas das Unidades Curriculares de Arte. Apenas um câmpus não dispõe de sala específica (Câmpus Chapecó) e um está com sua construção/organização em andamento (Câmpus Xanxerê). Dos câmpus que contam com professores e unidades curriculares em mais de uma linguagem (Florianópolis – continente e Palhoça), um deles (Palhoça) tem um espaço que vem sendo adaptado para contemplar as duas linguagens.

Figura 1: Laboratório de Artes – IFSC Câmpus Araranguá



Fonte: Fotografia cedida pelo professor do campus Araranguá

A partir da análise destes dados preliminares aqui relatados e de diálogos com os docentes da área, levantamos algumas questões que, entendemos, merecem ser aprofundadas:

1. Necessidade de as nomenclaturas das Unidades Curriculares serem específicas e não genéricas (Teatro, Música, Dança, Artes Visuais), de forma a exigirem ementas, carga horária, professor e espaço específicos;
2. Necessidade de generalizar a nomenclatura das Unidades Curriculares das distintas linguagens, nos PPC dos CTI, visando evitar confusões que tiram força da área;

3. Necessidade de definição/destinação de espaços físicos específicos para cada linguagem, em cada câmpus, e de generalizar sua nomenclatura;
4. Constituição destes espaços como “Laboratórios”, dando direito aos docentes de alocarem carga horária específica para a coordenação do espaço;
5. Necessidade de produção de conhecimento científico sobre o impacto da arte na formação do adolescente;
6. Construção de um “Projeto Ideal” de CTI, onde as linguagens estejam contempladas, de forma a poder propor uma solução à questão posta pela lei 13.278/2016, eventualmente considerando parcerias com escolas de nível fundamental das prefeituras.

Entendemos que o estudo dessas questões e a realização de pesquisas que sustentem nossas observações empíricas sobre a importância da arte na formação do adolescente serão fundamentais para a elaboração de uma “Política para o ensino da Arte no IFSC”, uma política que integre “Diretrizes” para a área e unifique as iniciativas dos docentes.

Referências

HILLESHEIM, Giovana Bianca Darolt. Mercado de arte e sua interface com o trabalho docente: estratégias do capitalismo cultural. Tese (Doutorado) UDESC, Florianópolis, 2018.

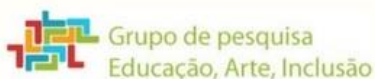
Projeto Político Pedagógico dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio disponíveis em : <https://www.ifsc.edu.br/hotsite/>. Acessado em Agosto e setembro / 2019.

Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Ministério da Educação. 3ª Edição. 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2017-pdf/77451-cnct-3a-edicao-pdf-1/file> Acessado em 20/09/2019.

RESOLUÇÃO Nº 6, DE 20 DE SETEMBRO DE 2012 (*) define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192 Acessado em 20/09/2019.

Luciana Cesconetto Fernandes da Silva

É licenciada em Educação Artística - Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1992), mestre em Teatro e Artes do Espetáculo pela Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III, e doutora em Estudos Teatrais pela Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III. É professora do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Joinville. luciana.cesconetto@ifsc.edu.br



Patrícia Nunes Martins

É licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em Educação pela UFSC. É professora do Instituto Federal de Educação, Campus Caçador.

patricia.martins@ifsc.edu.br



A FORMAÇÃO CONTINUADA NA REDE MUNICIPAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA ESCOLA

Sandramara Goulart dos Reis

RESUMO

Este projeto surge da necessidade de analisar problemas identificados no ensino de Arte nas escolas regulares, tendo em vista a perspectiva histórico-crítica, bem como a necessidade de oferecer uma educação de qualidade na área do ensino de Arte. Assim, trazemos como problema de pesquisa a seguinte pergunta: Como se organiza o Ensino de Artes Visuais na rede de ensino de Balneário Camboriú? Para responder o problema de pesquisa, traçamos alguns objetivos, entre eles: investigar as propostas curriculares de 2008-2019, as políticas públicas que atingem a educação básica e as formações continuadas de professores das escolas públicas da rede municipal, propostas pela secretaria de educação no município de Balneário Camboriú. Metodologicamente o estudo se realizará pela análise e estudo de documentos como propostas curriculares, programas de cursos de formação da rede e legislação vigente. A metodologia da pesquisa enquadra-se como pesquisa crítica referenciada em autores como Barreto(2009), Peixoto(2003) e Saviani(2013). Serão utilizados referenciais teóricos familiarizados com o tema de estudo, particularmente os autores: Barbosa(2015), Fonseca da Silva(2017), Schilichtha(2009) como meio de construção de conhecimento e para analisar de como se dá o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de formação continuada ofertados pela secretaria de educação no município e como os professores integram as estratégias pedagógicas na sala de aula. O projeto visa contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de arte ofertado nas escolas do município.

Palavras-chaves:

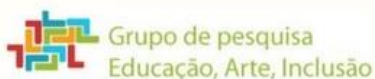
1. Formação docente
2. Artes visuais na escola
3. Educação estética
4. Aprender e ensinar com imagens

Tema de pesquisa

A reflexão, a atuação, leituras e escrita a respeito da formação de professores tem sido uma preocupação cotidiana, desde que ingressei na graduação em artes visuais. É desse interesse que vem o tema da pesquisa: Os cursos de formação da rede municipal de Balneário Camboriú e suas contribuições para os professores de Arte.

PROBLEMA

O Ministério da Educação e Cultura do governo brasileiro aponta nos indicadores educacionais (INEP, IDEB, 2018) para problemas na área do ensino, que afeta o ensino da arte. Historicamente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais já constava que a Arte na escola era considerada matéria, disciplina, atividade, atualmente aparece na grade curricular como componente curricular, mais uma vez mantida a margem das áreas curriculares tidas como mais



“nobres”. Durante o século XX houve interpretações divergentes a respeito da função e finalidade da arte-educação na escola, conforme correntes do ensino moderno e pós-moderno das artes.

A discussão em torno do que é preciso ver, o que é necessário saber para apreciar a arte, permanece aberta, da mesma forma esta indefinição repercute na sala de aula. A interpretação da História da Arte como uma sucessão de estilos cria situações superficiais de releituras dos movimentos modernistas, ignorando a situação social e histórica da origem das manifestações artísticas assim como os princípios internos e fundamentais à sua compreensão, conforme Barbosa(2015), bem como as produções artísticas da atualidade. Além disso, nas escolas encontramos professores mal preparados e com formação aquém da necessária para o estudo desses temas. Partimos da hipótese de que as aulas são desprovidas de uma correlação dinâmica entre teoria e prática, condição indispensável em qualquer área de conhecimento. A formação desqualificada é necessária ao capitalismo, por que? Que condições faltam aos professores? Para obter respostas sobre como acontece e por que acontece esse tipo de formação precisamos fazer um diagnóstico do ensino de arte da rede de ensino de Balneário Camboriú. Sobretudo, o que estão ensinando nos cursos de formação continuada da rede municipal de Balneário Camboriú? Como estão ensinando? Quem está ensinando? Como e o que do ensino nos cursos de Licenciatura em Artes está reverberando nas escolas?

JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento do projeto constitui-se numa pesquisa voltada a compreensão de até que ponto e como tem sido trabalhada a apreciação e experiência estética em arte nos cursos de formação continuada de professores ofertados pela rede municipal de Balneário Camboriú; e como reverberam no ensino, nas escolas. A condução das atividades envolverá a exploração e o questionamento da realidade, condicionado a formulação e resolução de problemas como estratégia para a exploração do objeto de estudo. Visa verificar o processo de acesso, assimilação, contextualização de conhecimento pelos docentes, levando-os a elaboração de meios para a produção e articulação do próprio conhecimento, seja de forma individual ou como agente em empreendimentos coletivos ou como integração da teoria à sua prática, quando passam a exercer a docência nas escolas. Entende-se que os eixos de aprendizagens propostos para trabalhar as áreas das artes no ensino regular efetivam-se quando se consegue estabelecer uma relação dinâmica entre o conhecimento existente, aliado ao pensamento, como ponto de partida para a expansão das capacidades intelectuais do sujeito, e a produção de conhecimento novo. Pretende-se, assim, sistematizar informações, oferecendo novas possibilidades para os cursos de formação

continuada, bem como para planejamento e elaboração de práticas pedagógicas em arte que proporcionem ao educando a oportunidade de desenvolver suas percepções e experiências estéticas.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Formação Estética

Na sociedade contemporânea, a formação em Arte ainda é um desafio, tanto para as escolas como para os espaços onde circulam as produções artísticas. Embora as elites ainda sejam privilegiadas no acesso a arte e as classes populares tenham acesso limitado aos produtos da indústria cultural, a arte é um bem que pertence a humanidade e como tal é por direito de todos. A formação de professores no município de Balneário Camboriú, estado de Santa Catarina é um tema de extrema importância, visto que ainda há uma grande desvalorização da disciplina de arte na educação por conta da descontextualização, desse ensino. Conforme Helguera (2011), “precisa criar novas maneiras de representação da realidade humano social por meio das linguagens artísticas”, visto que a Indústria Cultural conseguiu um vínculo com as massas de modo a envolvê-las e uma vez que as obras de arte, enquanto mercadorias simbólicas são lidas a partir das relações com as práticas de produção e consumo das identidades locais.

Portanto, pensar a formação de professores de arte é pensar a escola e as práticas pedagógicas como maneiras de também ir na contramão, não aceitando a perda de direitos conquistados com luta; e construir uma nova práxis articulada a novos sentidos para a própria história. Evangelista (2017). Fazer o inverso se faz necessário, uma vez que os aparelhos ideológicos estão arraigadamente a serviço da elite.

. Isto é o que propõe Barbosa (1998) com a abordagem triangular, na qual aponta caminhos para a formação estética, a partir da tríade: contextualização, leitura de imagem e produção.

A apreciação é uma competência ainda a ser construída entre os professores e alunos. O trabalho de professor de arte nos convoca a repensar nossos itinerários pedagógicos e nosso compromisso social com ações educativas provocadoras de singularidades, pluralidade, alteridade, diversidade, emancipatórias e democráticas.

Segundo Peixoto (2006), a arte humaniza, uma vez que permite aos indivíduos, com sua sensibilidade mais apurada, um mergulho na vida da humanidade que os antecedeu e que os envolve. Ainda discorrendo sobre a humanização Fonseca (2016) menciona que essa se expressa em objetos artísticos e coloca-se como possibilidade de avanço em relação a uma produção alienada da arte e enfatiza os aspectos da produção, fruição e circulação.

Não é de hoje que o mercado e as políticas internacionais delineiam o sistema educacional, que houve mercantilização do ensino sem que haja uma real preocupação com aprendizagem, que nos deparamos com uma Indústria Cultural norteando as políticas públicas, inclusive a educação. Para Marcuse (1999), por exemplo, o conhecimento escolar será transposto melhor na medida em que melhorar a formação do professor. No século XX, postula-se uma nova lógica na construção do conhecimento que altera o estatuto da arte. Nesse contexto, a ideologia do mercado tem como perspectiva: uniformizar, cercear, limitar o processo criador, criando um modelo de fruição da arte e de formação do gosto das camadas populares, que chega até a escola. Adorno (1985) chama nossa atenção para o mercado e de como ele se vale da arte e de seus vários processos artísticos para ampliar a capacidade mercadológica quando o interesse é entorpecer e distrair as massas. Ainda sobre o caráter da arte, Fonseca (2017) chama a atenção para o que Vasquez (2011) frisa: o aspecto científico da arte, uma vez que a produção artística também é constituída de caráter científico por meio de seus fundamentos filosóficos a partir do materialismo histórico e dialético.

O mundo material e perceptível pelos sentidos, do qual, nós os homens, também, fazemos parte, é o único mundo real. Nossa consciência e nosso pensamento, por mais desligados que pareçam dos sentidos, são o produto de um órgão material, físico: o cérebro. A matéria não é produto do espírito, mas este, o produto supremo da matéria.”(VAZQUEZ, 2011,p.104)

Marcuse (1999), por sua vez, considera que a obra de arte representa os interesses e a visão de mundo de determinadas classes sociais de um modo mais ou menos preciso. Marcuse (1999) também encara a arte no contexto das relações sociais prevaletentes, atribuindo-lhe uma função política ou um potencial político. Ao contrário dos marxistas ortodoxos, para este autor, o potencial político da arte reside na própria arte, na forma estética em si. Assim, tem uma relativa autonomia perante as relações sociais existentes. Ao reclamar esta relativa autonomia da obra de arte, Marcuse (1999) entende que a arte subverte a consciência dominante, a experiência ordinária e na sua autonomia, a arte não só contesta estas relações sociais existentes também as transcende. Argumenta ainda que é impossível exercer o trabalho intelectual sem concebê-lo enquanto reflexão sobre o meio circundante e acerca de si próprio. Na atualidade, há uma expressiva preocupação com a criação de ações educativas que aproximam o público da Arte, fomentando a formação estética. Portanto, a ação de educar precisa ser desenvolvida em âmbito abrangente da cidadania e constituindo-se por vários espaços, escolares e não escolares.

Se a arte tem sido o centro do ensino, na contemporaneidade se faz necessário para atingirmos,

afetarmos o público, que entendamos que há outras possibilidades de estudarmos e chegarmos à arte se tão somente sairmos do lugar comum e aproveitarmos o entorno, o contexto e partirmos do contexto para então chegar à arte. (HOFF, 2011, p.75)

Objetivos

Objetivo geral

Compreender a prática do ensino de arte nas escolas da rede municipal a partir de uma pesquisa nos cursos de formação continuada ofertados pela rede municipal aos professores de arte e como na prática se materializa a formação recebida.

Metodologia

Para o presente projeto será utilizada a Metodologia crítica, a partir do uso de instrumentos para a coleta e análise dos dados coletados, bem como leitura, reflexão e crítica acerca dos referenciais bibliográficos pertinentes a essa pesquisa.

A primeira etapa da pesquisa será contextualizar a história dos cursos de formação continuada na rede municipal de Balneário Camboriú entre os anos de 2008 até 2019. À partir desses dados será escrito o primeiro capítulo da dissertação.

A segunda etapa da pesquisa se voltará para as metodologias de ensino da arte e também ao levantamento bibliográfico de textos, artigos, teses, dissertações e livros que possam colaborar com as leituras, críticas e reflexões acerca da pesquisa. Esse processo se dará do início ao fim do curso de mestrado. Essa análise possibilitará formular o segundo capítulo da dissertação, que poderá trazer uma discussão teórica acerca da relevância do que está sendo adotado no programa da formação continuada de professores da rede de Balneário Camboriú.

A terceira etapa da pesquisa envolve a análise dos dados coletados, sob a ótica da perspectiva histórico crítica e possíveis intervenções propostas para um novo programa de formação continuada em arte, correlacionado ao interesse na educação estética na escola. A etapa três poderá ser o terceiro capítulo da dissertação.

Evidentemente, o projeto poderá ser reelaborado, sempre que necessário, conforme proposições da orientadora para melhor abordagem do tema.

Referências

ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.



BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez, 2015.

BARRETO, Raquel. **A Recontextualização das tecnologias da informação e da comunicação na formação docente**. Educ.Soc. Campinas, v.33, n.121, p985-1002, out.-dez. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

_____. **Discurso, Tecnologias, Educação**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um Olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EVANGELISTA, O.; SEKI, A. K. (orgs.). **Formação de professores no Brasil: leituras a contrapelo**. 1. ed. Araraquara: Junqueira e Marin, 2017.

FONSECA, M. Cristina da Rosa. **Formação docente, arte e tecnologia: contribuições do campo sócio-histórico**. Campinas. Editora Átomo, 2017.

MARCUSE, H. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 1999[1978].

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, S.P: Autores Associados, 2003.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato. **Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e educação: há um lugar para a arte no ensino médio?** Curitiba: Aymará, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As Idéias estéticas de Marx**. São Paulo: Editora Expressão popular, 2011.

Possui licenciatura em Educação Artística, habilitação Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2005), especialização em práticas interdisciplinares, é mestranda pelo PPGAV-Udesc. Atua como professora de arte na rede estadual e municipal de Balneário Camboriú. É integrante do grupo de pesquisa Educação Arte e Inclusão, sendo membro da equipe de revisão da revista Educação Arte e Inclusão. Quanto ao tema de ensino é formação continuada de professores de arte e o ensino de artes visuais.



MEMÓRIAS E REMANESCÊNCIAS: OS 50 ANOS DA ESCOLINHA DE ARTES DE JOINVILLE/SC

Juliana Rossi Gonçalves – Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior

RESUMO

Este artigo aborda a origem da Escolinha de Artes de Joinville/SC a partir de um panorama histórico que conecta sua criação ao Movimento Escolinhas de Arte (MEA) no Brasil. Criada dentro da cena artística e cultural da cidade na década de 1970, ao longo dos anos a Escolinha de Joinville passou por momentos de mudanças metodológicas: da livre-expressão à Abordagem Triangular. Resistindo ao tempo, a Escolinha é mantida pela Prefeitura Municipal da cidade e é marcada em sua história e atualidade por desafios e remanescências. O texto faz um breve relato de um projeto desenvolvido em 2016, cujo tema foi a cultura de paz. A partir desse relato, fica evidente que os temas trabalhados nos últimos anos comprovam que a Escolinha continua sendo um importante centro de formação artística para crianças de Joinville e região, mesmo depois de quase 50 anos de existência.

Palavras-chave: Ensino da arte; Arte-Educação; Escolinha de Artes; Movimento Escolinhas de Arte; Ensino da Arte Catarinense.

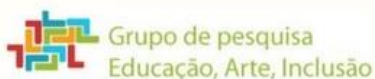
ABSTRACT

This article approaches the origin of Escolinha de Artes (School of Arts for children) from the city of Joinville/SC (Brazil) from a historical background that connects its creation to the Movimento Escolinhas de Arte (MEA) in Brazil. The Escolinha de Artes was created within the city's artistic and cultural scene in the 1970s. Over the years the Escolinha de Artes has undergone moments of methodological changes: from Laissez-faire to the Triangular Approach (from Ana Mae Barbosa). Resisting time, the Escolinha de Artes is maintained by the municipal government and it is marked in its history and present time by challenges and resistances. This research gives a brief view of the project developed in 2016, whose theme was the culture of peace. The themes developed in the Escolinha de Artes in recent years prove that Escolinha de Artes remains an important artistic center for children from the city of Joinville, even after almost 50 years of existence.

Keywords: Art teaching; Art-Education; Art Schools; Movimento Escolinhas de Arte; Art teaching in Santa Catarina.

Para iniciar a conversa: o Movimento Escolinhas de Arte (MEA)

O Movimento Escolinhas de Arte (MEA) foi um movimento brasileiro no ensino da arte que se manifestou no Brasil a partir da criação da primeira Escolinha, a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) na década de 1940. Antes da EAB, é possível constatar nas décadas anteriores movimentos de arte-educação sob influências do artista e educador tcheco Franz Cizek (na Semana de Arte Moderna de 1922), do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey (a partir de Anísio



Teixeira, em 1930), de Herbert Read e Viktor Lowenfeld (com o MEA, a partir de Augusto Rodrigues).

Cizek, da Escola de Artes e Ofícios de Viena, abriu a primeira Escolinha de Arte Infantil em 1897. Influenciou a Semana de Arte Moderna de 1922 por meio de Anita Malfatti e Mário de Andrade. Anita Malfatti ministrava aulas em São Paulo pautada na livre-expressão e espontaneísmo. Mário de Andrade enfatizava em seu curso de História da Arte que a arte infantil deveria ser estimulada como expressão espontânea (BACARIN, 2005) e contribuiu para que “se começasse a encarar a produção pictórica da criança com critérios investigativos e à luz da filosofia da arte” (BARBOSA, 2008, p. 3).

Alguns anos depois, em 1930, Anísio Teixeira criou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia, onde as aulas de Arte eram desenvolvidas em uma escola-parque – “o centro desenvolveu os estudos de Teixeira realizados na Universidade de Colúmbia, em 1928, junto com Dewey” (BACARIN, 2005, p. 108). Anísio foi o principal personagem do movimento Escola Nova (1927-1934) no Brasil, influenciado por John Dewey.

A Escola Nova “tomou principalmente a ideia de arte como experiência consumatória” (BARBOSA, 2008, p. 1); a arte era usada como final de uma experiência, para que a criança pudesse fixar conhecimentos de outras áreas de estudo. O Movimento Escola Nova ganha força ao “deslocar o ensino-aprendizagem centrado no intelecto para as emoções e outros aspectos psicológicos” (ESCOLINHA, 2019).

O MEA surgiu no Brasil na década de 1940 como uma resposta à educação do Estado Novo (1937-1946), que “solidificou alguns procedimentos, como o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para as aulas de composição em língua portuguesa” (BARBOSA, 2003, p. 2), restringindo o espaço de liberdade dos estudantes. O MEA foi um movimento que pregou a arte como uma forma de liberar as emoções das crianças, valorizando a livre-expressão (LIMA, 2012) a partir das ideias de Herbert Read e Viktor Lowenfeld. O movimento foi liderado inicialmente por Augusto Rodrigues, artista pernambucano que criou a primeira Escolinha de Arte do Brasil (EAB) em 1948 no Rio de Janeiro. Rodrigues, junto a outros “(...) artistas também insatisfeitos com a escola comum, unem-se em um mesmo ideal: possibilitar um lugar para as crianças se expressarem e liberarem seus impulsos criadores” (COSTA, 2010, p. 12).

Não demorou muito para que o MEA se tornasse um importante agente transformador do ensino da arte em espaços da educação formal. Quem impulsionou o MEA por meio do ensino da arte dentro da escola regular foi a professora Noemia Varela, que “foi a grande influenciadora do ensino da arte em direção ao desenvolvimento da Criatividade, que caracterizou o modernismo em Arte/Educação” (BARBOSA, 2008, p. 7). Noemia, ao ter contato com Augusto Rodrigues e Lúcia Alencastro Valentim (que também ajudou a fundar a EAB) em 1949 no Rio de Janeiro, ficou encantada ao ver cerca de trinta crianças, adolescentes e pré-adolescentes pintando e desenhando (AZEVEDO, 2008). Na época, foi ao Rio de Janeiro para participar de um encontro sobre Educação Especial e nesse encontro uma amiga a levou a conhecer a EAB. Segundo Noemia,

Sem saber como, compreendi que era uma escola diferente, ali se realizava uma experiência que me dava uma resposta (...). O que aprendera na faculdade sobre pedagogia e seus métodos, e tudo o que pensava sobre o desenho, de repente deixaram de motivar, porque ali estava uma experiência viva e real se realizando e a se realizar (apud AZEVEDO, 2008, p. 231).

Ao voltar para Recife, abriu um ateliê de artes na Escola Especial Ulisses Pernambuco, onde foi diretora. Nessa Escola, realizou um curso para 43 professores que contou com psiquiatras, médicos, psicólogos, antropólogos (ESCOLINHA, 2019). O resultado desse encontro foi o nascimento da Escolinha de Arte do Recife (EAR) em 1953, contando com a colaboração dos artistas Lula Cardoso Ayres, Francisco Brennand e Aloísio Magalhães. Noemia foi professora, junto a Paulo Freire, de Ana Mae Barbosa (AZEVEDO, 2008). Posteriormente, Noemia foi diretora técnica da Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro.

Além de toda a mudança e transição do ensino da arte do Estado Novo para o modernista, o MEA influenciou na formação dos profissionais da área. Na década de 1960 foram criados os Cursos Intensivos de Arte Educação (CIAE), cursos oferecidos em tempo integral na EAB como um “estágio intensivo de professores de vários estados que buscavam entender melhor meios de integrar a arte no processo educativo” (COSTA, 2010, p. 14). O CIAE “formou toda uma geração de Arte Educadores no Brasil e muitos na América Latina Espanhola” (BARBOSA, 2003, p. 3).

Em 1971, havia cerca de 32 Escolinhas de Arte no Brasil e mais 4 fora de nosso país: Paraguai, Argentina e Portugal. No sul do Brasil, as Escolinhas se proliferaram principalmente no Rio Grande do Sul, chegando a haver vinte e três Escolinhas (BARBOSA, 2008) no ano de 1977. No Paraná, existiam doze escolinhas em 1969 (ANTONIO, 2018). Não há registros concretos que delimitam o número de Escolinhas em Santa Catarina, mas sabe-se que as Escolinhas que estão

ativas no estado são a Escolinha de Artes de Florianópolis, a Escolinha “Monteiro Lobato” de Blumenau e a Escolinha de Artes Infantis (EAI) de Joinville. Paralela ao MEA, a Escolinha de Joinville foi criada em um momento de propagação das Escolinhas de Arte no Brasil, entre as décadas de 1960-1970.

Remanescências do MEA: a criação da Escolinha de Artes de Joinville/SC

Abordar a criação e as memórias da Escolinha de Joinville é conhecer a trajetória histórica e artística da cidade. Do seu início até os dias atuais, a Escolinhaⁱ sempre caminhou próxima aos movimentos artísticos que foram se desenvolvendo na cidade. Por isso se faz necessário conhecer os caminhos e contextos que levaram à criação da Escolinha, desde os primeiros registros artísticos da cidade na década de 1920 com a vinda de imigrantes europeus até o momento pulsante de movimentos artísticos da década de 1970.

No século XX, os primeiros artistas que deixaram suas marcas na história da arte em Joinville foram Fritz Alt e Eugênio Colin, a partir das décadas de 1920 e 1940, respectivamente (ROSSI, 2014). Fritz Alt (1902-1968), alemão radicado em Joinville, veio à cidade em 1922. Trouxe da Alemanha seus conhecimentos em escultura em bronze. Suas obras estão espalhadas por praças, parques e ruas de Joinville e em algumas cidades de Santa Catarina, além de painéis e ornamentos em edificações. Eugênio Colin (1916-2005) foi um dos desbravadores de espaços para expor arte e o primeiro arte educador da cidade (LAMAS apud ROSSI, 2014). Levava suas obras embaixo dos braços e, de bicicleta, ia em busca de locais para expor: em praças, hotéis e lojas. Produziu mais de duas mil telas, destacando-se as telas a óleo com paisagens inspiradas em regiões perto de Joinville e do estado do Paraná.

Depois desses dois artistas, destacam-se as décadas de 1970 e 1980 como períodos agitados para a arte em Joinville/SC, pois durante esses anos aconteceu a construção/criação de grande parte das instituições culturais e artísticas da cidade. Foi reflexo de um movimento artístico forte e unido, além de um novo pensamento estético e efervescente que fazia com que os artistas quisessem se destacar da arte ousada e pulsante do eixo Rio-São Paulo, em plena ditadura militar. A Coletiva de Artistas, por exemplo, foi criada em 1971 e o Museu de Arte de Joinville (MAJ) em 1976. O Museu Casa Fritz Alt foi instituído em 1975 e na década seguinte foram criadas a Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew (GMAVK) e a Associação de Artistas Plásticos de Joinville (AAPLAJ). A AAPLAJ foi a primeira Associação de Artistas Plásticos criada em Santa Catarina. Importante destacar que todas as instituições citadas são atuantes até hoje.



A Escolinha de Artes de Joinville foi criada dentro desse contexto, no ano de 1970. Ela faz parte da Escola de Artes Fritz Alt (EAFA), uma escola de arte que foi inaugurada em 1968 e veio da necessidade de se reunir em Joinville professores, artistas e interessados em participar de oficinas e aulas de arte. Alguns anos depois, em 1972, a Casa da Cultura Fausto Rocha Júniorⁱⁱ foi criada com o intuito de agregar em seu espaço físico a Escola de Música Villa Lobos (EMVL) e a Escola de Artes Fritz Alt. Mais tarde agregaria a Escola Municipal de Ballet. Desde sua construção, a Casa da Cultura F.R.Jr. é subsidiada pelo poder público, fazendo parte do contexto artístico agitado da época. Oferece aulas de artes ao público de Joinville e região, destacando-se como um dos pólos culturais e de ensino de arte do estado de Santa Catarina e do sul do Brasil.

A iniciativa da criação da Escolinha em Joinville foi da produtora cultural Albertina Ferraz Tuma, depois de ter participado em 1969 de um curso de Arte-Educação no Museu e Escola de Arte do Paraná em Curitiba/PR com uma bolsa de estudos da Prefeitura Municipal de Joinville. Albertina participou da 1ª Coletiva de Artistas da cidade, pois também desenvolvia trabalhos como artista plástica. Recebeu várias premiações por sua atuação cultural e foi, junto ao bailarino e professor Carlos Tafur, a principal idealizadora do Festival de Dança de Joinville, evento que facilitou a vinda do Balé Bolshoi na cidade, a única escola do balé fora da Rússia (REVISTA DUO, 2017). Depois de criada a Escolinha, Albertina foi admitida como professora.

Com o passar do tempo, percebeu-se a necessidade da ampliação do quadro docente da Escolinha, que não suportava mais somente Albertina Tuma como professora, já que Albertina acumulava o cargo de Diretora da Casa da Cultura, Coordenadora da Escolinha e professora. A professora Nádia Sueli F. de Souza foi admitida, na época estudante de Pedagogia, e na década seguinte é admitida a jovem recém-formada em Educação Artística Vera Regina Keinert Ehlke, ambas já aposentadas.

Desde sua criação, em 1970, a metodologia utilizada na Escolinha era a da livre-expressão, seguindo a tendência modernista do MEA. Na livre-expressão, as emoções e a expressão dos sentimentos tinham prioridade sobre a aquisição do conhecimento (STEFFEN, 1999). Os alunos saíam nas ruas para pintar livremente em muros e tapumes pela cidade (fig. 1).



Figura 1. Montagem de fotos. Crianças da Escolinha de Artes Infantis (EAI) de Joinville/SC pintando no chão, na Praça Nereu Ramos, em Joinville em 1973.

Depois de 10 anos de criação da Escolinha, como resposta à maturidade atingida, um catálogo especial (fig. 2) de trabalhos dos alunos foi criado sob o tema “Joinville vista pelas crianças” em 1980, em alusão ao X Aniversário da Escolinha de Artes Infantis. O catálogo reuniu 19 trabalhos de crianças dos 6 aos 12 anos, com suas impressões sobre alguns pontos turísticos de Joinville. Foi produzido pela Prefeitura Municipal de Joinville e teve o patrocínio de algumas indústrias da cidade do ramo de metalurgia, malharia e concessionária de carros. O material trazia ainda algumas frases sugestivas sobre arte-educação e arte infantil.



Figura 2. Montagem com fotos de oito páginas do catálogo especial com trabalhos dos alunos em alusão à comemoração dos 10 anos de criação da Escolinha de Artes Infantis (1980) em Joinville/SC. O catálogo teve o prefácio escrito pelo prefeito da época, Luiz Henrique da Silveira.

Três anos mais tarde, em 1983, o curso de Arte Juvenil foi criado na EAFA para suprir a carência de cursos para a faixa etária de adolescentes e pré-adolescentes (dos 13 aos 15 anos).

Resistências e desafios da Escolinha de Joinville

Algumas dificuldades na década de 1990 foram registradas por Steffen (1999), que em sua pesquisa cita que foram entre os anos de 1994 a 1996 que a Escolinha passou pela sua pior fase. Nessa época uma pessoa que assumiu a presidência da Fundação Cultural de Joinville (atual Secretaria de Cultura e Turismo de Joinville) queria o fechamento da Escolinha. Berenice Mokross, na época diretora da EAFA, entrevistou para provar a importância da Escolinha para Joinville e região.

Albertina Tuma, ao criar a Escolinha, na época teve o respaldo da Prefeitura Municipal de Joinville. Atualmente nos deparamos com um cenário muito diferente: há cada vez menos recursos para as políticas públicas a favor da arte, como a falta e atraso de repasse de verbas a editais de fomento à cultura.

A falta de manutenção de espaços culturais por parte do poder público também é um problema que atingiu diretamente a Escolinha. No ano de 2011, o espaço físico da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior foi interditado pela Vigilância Sanitária, fazendo com que as aulas da Escolinha fossem remanejadas para uma sala de um prédio comercial, dificultando o trabalho de professores e alunos. O retorno das atividades à sede original da Casa da Cultura F.R.Jr. ocorreu

em dezembro de 2013, depois de uma reforma na estrutura física. A volta à sede original ocorreu também por pressão, insistência e mobilização de professores, funcionários e alunos que fizeram protestos que foram divulgados em veículos de comunicação e em redes sociais (ABRAÇO, 2013).

É sentido desde a década de 1990, como relatado em Steffen (1999), que não há um espaço oficial na Casa da Cultura F.R.Jr. para a conservação de documentos, arquivos referentes a eventos, fotos e dados históricos. No espaço da Casa, há a Biblioteca Edith Wetzel que guarda diversos livros de arte e alguns arquivos mortos. Contudo, com a falta de bibliotecários/funcionários na Biblioteca, existe uma dificuldade em relação ao controle e conservação dos materiais dispostos. Sem arquivo, não há registros e não há memória.

A partir da atual pesquisa, foram constatadas duas pesquisas acadêmicas que abordam a Escolinha de Joinville: as monografias de Berenice J. Mokross (ex-professora de História da Arte e ex-diretora da EAFA) de 1992, e de Heloisa Steffen (professora de Cerâmica da EAFA), de 1999, citada nesse artigo. São pesquisas importantes sobre a criação da EAFA e da Escolinha, que registram momentos históricos valiosos sobre essas instituições culturais.

O despertar e o amadurecimento sobre continuar a escrever e registrar as memórias da Escolinha de Joinville foi fortalecido através de uma indicação feita pela prof^a Dr^a Silvia Sell Duarte Pillotto, que sugeriu conhecer as pesquisas da prof^a Dr^a Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa. Fabíola é ex-professora da Escolinha de Arte de Florianópolis/SCⁱⁱⁱ e escreveu o livro “Escolinha de Arte de Florianópolis – 25 anos de atividade arte-educativa”. Fabíola é a coordenadora do Pólo Arte na Escola UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e foi a idealizadora do Espaço Estético^{iv} do Colégio de Aplicação da UFSC.

A pesquisa da prof^a Fabíola sobre a Escolinha de Florianópolis é um importante registro da história do ensino da arte em Santa Catarina. É uma inspiração para que se tenha a iniciativa de registrar as memórias e as ações educativas da Escolinha de Joinville não só de anos e décadas anteriores, mas também as ações educativas atuais.

Panorama atual das ações educativas da Escolinha de Joinville/SC

Em 2019, a Escolinha possui 133 alunos e a faixa etária dos alunos é dos 6 aos 12 anos. Há quatro professoras da área de Artes Visuais: Andreia Schmitz Vicente, Daniele Rieper, Juliana Georg Bender, Maria Lúcia Costa Rodrigues e três arte-educadores da área de Teatro: Amarildo de Almeida, Juciara do Nascimento e Robson Benta. Incorporada à Escolinha em 1993, a área de



Teatro possui um rico e vasto histórico de apresentações teatrais e ações educativas, que sugerem novas pesquisas mais aprofundadas.

A partir da década de 1990 a Escolinha incorporou concepções pós-modernas de arte-educação à sua estrutura metodológica. Temas relacionados à história da arte passaram a ser trabalhados anualmente, ligando a Escolinha à Abordagem Triangular^v, de Ana Mae Barbosa. Os temas continuam a ser trabalhados até hoje, escolhidos pelo corpo docente em conjunto com os alunos da Escolinha, que resultam em uma exposição anual na Galeria Municipal de Artes Victor Kursancew (GMAVK) e apresentação de peças de teatro. Nos últimos anos, os temas trabalhados foram: “A Cultura tem o Poder e me ajuda a Viver” (2018), “La América del Sol” (2017) e “O Circo que Mora em Mim” (2015).

Em 2016, a exposição “O que é Paz para Mim?” destacou a cultura de paz por meio da produção dos alunos exposta na GMAVK, em Joinville. Mas o que é a cultura de paz? A cultura de paz é a cultura da solidariedade, que partilha conquistas e divide responsabilidades. Toma o lugar da cultura da solidão que prima pelo individualismo,

(...) induz consciências e as influencia em direção a um mundo mais tolerante, (...) a uma nação mais solidária. No contexto da paz como cultura, inovações são permitidas e ideias surgem para responder ao novo momento em todas as áreas do saber popular e do conhecimento científico (UNESCO, p. 9, 2010).

A cultura de paz tem relação com as políticas públicas de prevenção e não promoção da violência; baseia-se em solidariedade e tolerância. Sustenta e assegura a liberdade de opinião, respeitando os direitos individuais, prevenindo e resolvendo conflitos de forma não violenta, “resolvendo-os em suas fontes (...) como a exclusão, a pobreza extrema e a degradação ambiental, (...) por meio do diálogo, da negociação e mediação” (UNESCO, 2010, p. 11).

As crianças recebem um arsenal de informações diárias pela internet, jogos digitais e canais de TV que acabam por banalizar a intolerância e a violência. Mesmo que temas como a tolerância, o cuidado com o meio ambiente e a promoção à vida sejam abordados nas escolas e às vezes nas famílias, muitas vezes eles acabam por permanecer muito distantes da realidade da maioria das crianças.

Outro fator que influencia as crianças por meio de propagandas, internet ou TV, é o incentivo ao consumo desenfreado. O desejo pelos bens de consumo e produtos industrializados têm provocado um desequilíbrio social e econômico em diversos países e no Brasil. Mesmo sob esses

panoramas, contudo, vêm surgindo nas cidades projetos, movimentos e agentes transformadores que promovem a solidariedade, o desenvolvimento humano, o olhar para o outro e a gentileza, quebrando esse ciclo por meio de projetos culturais, ambientais e humanitários.

É necessário que esses projetos e seus agentes sejam cada vez mais incentivados e revelados à comunidade e às crianças, que carecem de exemplos de humanidade e esperança. Pensando nessas questões os alunos e professores da Escolinha de Artes de Joinville, por meio do projeto “Cultura de Paz”, desenvolveram ações que promoveram mudanças no modo de convívio no espaço da Casa da Cultura F.R.Jr. e realizaram atividades artísticas para a promoção da cultura de paz.

Para esse projeto, a Escolinha contou com a participação de 30 crianças da ONG Missão Criança^{vi} nas atividades artísticas. As crianças da ONG e da Escolinha construíram autorretratos em bonecos articulados e trocaram cartas. Houve uma roda de conversa com uma jovem haitiana que vive em Joinville, chamada Shama Edme, e com o presidente da Associação dos Imigrantes Haitianos de Joinville, sr. Whistler.

Na exposição (fig. 3) na GMAVK, cerca de 130 trabalhos em pintura e modelagem foram apresentados. As relações sociais, meio ambiente, o respeito, a amizade, imigração, os refugiados, poluição e lixo foram alguns dos temas que apareceram nas rodas de conversa com as crianças, em seus processos de criação e nas linguagens artísticas (EXPOSIÇÃO, 2016).



Figura 3. Foto da 46ª exposição anual da Escolinha – “O que é Paz para Mim” que destacou a cultura de paz, em 2016 na GMAVK em Joinville/SC. Autoria desconhecida.

Vemos diariamente em portais de notícias os movimentos emigratórios de diversos países – há mais de 40 países na atualidade que sofrem com conflitos armados e lutas civis. Junto às imigrações, vem a intolerância e a exclusão cultural. As fontes de tensão muitas vezes têm origem religiosa, competição de recursos, deterioração do meio ambiente, desnutrição, excesso de população, e na “flagrante desigualdade econômica e social não só entre os países, como também internamente a estes, devido a modelos de desenvolvimento concentradores de renda e excludentes” (UNESCO, 2010, p. 12). Portanto, o tema trabalhado naquele ano na Escolinha foi necessário e significativo, pois despertou o respeito à diversidade e às tradições culturais. Através do projeto desenvolvido, foi possível promover uma cultura de paz efetiva, incorporando uma dimensão de participação social, humana e de democracia.

Considerações finais

A constância e força do trabalho da Escolinha de Artes de Joinville demonstra a sua trajetória de sucesso e valorização do ensino da arte em Joinville e região. Mesmo passando por diversas dificuldades, a Escolinha é mantida por arte-educadores que, cada vez mais capacitados e atualizados em relação ao ensino da arte, mantém o bom trabalho junto à comunidade.

Os projetos dos últimos anos têm demonstrado que a Escolinha de Joinville anda em consonância com a arte-educação pós-moderna, pois contextualiza temas urgentes e atuais por meio de propostas artísticas e educativas. Ademais, a Escolinha valoriza a criatividade e expressão da criança, vestígios de sua origem e criação na década de 1970, marcada pelo modernismo no ensino da arte. Ao sensibilizar o olhar da criança para si e seu entorno, as ações educativas auxiliam na compreensão de sentir, agir e ver criticamente o mundo.

Trabalhado em 2016, o tema “Cultura de Paz” continua mostrando-se como atual, urgente e necessário, tendo em vista que

Apesar de as formas tradicionais de conflito e guerra terem diminuído, os orçamentos para segurança da maioria dos países permanecem elevados, especialmente para o desenvolvimento de armamentos inteligentes de alta tecnologia, enquanto os orçamentos destinados a políticas e programas de desenvolvimento social são constantemente reduzidos (UNESCO, 2010, p. 12).

Nas atuais conjunturas políticas, em que há o engrandecimento da cultura de guerra e empobrecimento de uma educação voltada ao outro, é cada vez mais urgente que todos os setores da educação se fortaleçam para a cultura de paz. A arte tem papel fundamental na promoção da



cultura de paz, pois pode auxiliar através da crítica e acesso a novas visões de mundo e interculturalidades.

Ao longo das décadas, a Escolinha de Joinville vem resistindo à falta de recursos, investimentos e carência de seus registros históricos. Escrever e dar visibilidade à Escolinha de Joinville pode resultar em uma maior valorização para a instituição, ampliando os olhares para o ensino da arte da cidade. Registrando suas memórias, seu passado e presente, exige-se uma pesquisa mais aprofundada sobre as ações educativas ao longo de seus quase 50 anos de existência.

Vivenciando o contexto da EAFA e da Escolinha de Joinville diariamente, aproprio-me da fala de Barbosa (2008, XIII), quando afirma que “cada geração tem direito a reinterpretar sua herança histórica, por isso o conhecimento histórico é essencial para a formação da consciência política do indivíduo”. Há cerca de 20 anos não são realizados estudos aprofundados ou pesquisas acadêmicas sobre o que vem sendo produzido na Escolinha. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir no registro histórico do ensino da arte em Joinville, contextualizando sua criação aos vestígios de um importante movimento nacional e modernista de ensino de arte, o Movimento Escolinhas de Arte (MEA).

ⁱ Quando é citado “Escolinha” nesse texto, refiro-me à Escolinha de Artes Infantis de Joinville/SC.

ⁱⁱ A Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior é um pólo cultural localizado em Joinville/SC que abriga três escolas de artes: Escola de Fritz Alt (EAFA), Escola de Música Villa Lobos (EMVL) e Escola Municipal de Ballet (EMB). Além das escolas, há também a Galeria Municipal de Artes Victor Kursancew e a Biblioteca Edith Wetzl. A Casa da Cultura F.R.Jr. é mantida pela Prefeitura Municipal de Joinville e fica localizada na Rua Dona Francisca, 800.

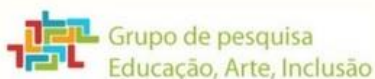
ⁱⁱⁱ A Escolinha de Artes de Florianópolis foi criada em 1963, sete anos antes da criação da EAI de Joinville/SC.

^{iv} O Espaço Estético foi inaugurado em março de 1998, através de um projeto de ensino e extensão. Atualmente é um espaço permanente da escola, que viabiliza exposições, ações educativas, encontros, debates e oficinas com artistas e autores, abrindo espaço para interações com o universo escolar. Tem “o objetivo de propiciar alfabetização visual e melhor sistematizar processos de ensino-aprendizagem visando a educação estética” (ESPAÇO ESTÉTICO, 2019).

^v A Abordagem Triangular possui três eixos norteadores para o ensino da arte: fazer artístico, leitura de imagem, contextualização. Idealizada por Ana Mae Barbosa, a abordagem possui influência do Critical Studies inglês, das Escuelas Al Aire Libre mexicanas e do Discipline-Based Arts Education (DBAE) norte-americano (RIZZI, 2008).

^{vi} A ONG “Missão Criança” atende cerca de 150 crianças de 6 a 17 anos no Bairro Jardim Paraíso em Joinville/SC. É mantida pela Igreja Luterana. Depois de uma grande enchente enfrentada pelos moradores em 1998, integrantes da congregação luterana começaram a realizar pequenas ações sociais com adultos e crianças. As atividades oferecidas pela ONG acontecem em horário oposto ao da escola, e incluem música, esporte e apoio pedagógico – “As crianças aprendem através da convivência, brincadeiras e programas desenvolvidos dentro da instituição que busca fortalecer os vínculos familiares e comunitários por meio de diálogos, reuniões de pais e momentos culturais” (NEITSCH, 2018).

Referências



ABRAÇO simbólico marca dois anos de interdição da Casa da Cultura em Joinville. **Jornal A Notícia**, 2 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/abraco-simbolico-marca-dois-anos-de-interdicao-da-casa-da-cultura-em-joinville>>. Acesso em 13 set. 2019.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. Leituras de professoras: a circulação de ideias acerca de arte e educação no Paraná na década de 1960. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-23, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230009.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2019.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae: **Memória e história** (org.) São Paulo: Perspectiva, 2008. P. 217-257.

BACARIN, Ligia Maria Bueno Pereira. **O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: história e política**. Maringá: Mestrado em Educação/ Universidade Estadual de Maringá, 2005. 216 p. Dissertação Mestrado em Educação.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. **Revista Digital Art&**, n. 0, out. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/apresentacao.htm>>. Acesso em 02 jun. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrgio. A Contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina. **Revista Nupeart**, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 8, p. 10-27, 2010.

ESCOLINHA de Arte do Recife (EAR). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao343537/escolinha-de-arte-do-recife-ear>>. Acesso em: 01 de jun. 2019.

ESPAÇO ESTÉTICO. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/espaco.estetico/>>. Acesso em 24 mai. 2019.

EXPOSIÇÃO destaca trabalhos da Escolinha de Artes Infantis da Casa da Cultura de Joinville. **Jornal A Notícia**, 3 nov. 2016. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2016/11/exposicao-destaca-trabalhos-da-escolinha-de-artes-infantis-da-casa-da-cultura-de-joinville-8135537.html>>. Acesso em 14 abr. 2019.

LIMA, Sidiney Peterson. Escolinha de Arte do Brasil: Movimentos e Desdobramentos. In: 21º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. p. 454-466.

MOKROSS, Berenice Joanna. **A importância da Escola de Artes ‘Fritz Alt’ no contexto sócio-cultural joinvilense**. 1992. 62 p. Monografia (Especialização em A Prática Social da Arte:



Educação e Sociedade) – Fundação Educacional de Joinville (FURJ) e Universidade de São Paulo (USP), Joinville, 1992.

NEITSCH, Celiane. Projeto leva música clássica para crianças no Jardim Paraíso. **Arte na Cuca**, 29 set. 2018. Disponível em: <<https://artenacuca.com.br/musica/projeto-leva-musica-classica-para-criancas-no-jardim-paraíso/>>. Acesso em 14 abr. 2019.

REVISTA DUO JOINVILLE. Albertina Tuma: um grande nome da cena cultural da cidade. **Revista DUO Joinville**, Joinville, ano 8, nº 50, p. 80-83, ago. 2017.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 335-348.

ROSSI, Juliana. **Artes Visuais de Joinville e o blog como mediador cultural**. 2014. 203 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2014.

SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE JOINVILLE. **Plano Municipal de Cultura de Joinville**. Joinville, 2012.

STEFFEN, Heloísa. **Escolinha de Artes Infantis de Joinville: 28 anos no cenário arte-educativo joinvillense**. 1999. 88 p. Monografia (Especialização em O Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 1999.

UNESCO. **Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256 p.

Juliana Rossi Gonçalves

Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE (bolsa pela CAPES-PROSUP). Possui Especialização em Arte-Educação pela Faculdade Pe. João Bagozzi (Curitiba/PR) e é licenciada em Artes Visuais pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Atua como professora dos cursos de Desenho e Pintura na Escola de Artes Fritz Alt (EAFA) da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior (Joinville/SC).





aaesccontatos@gmail.com
(48) 991439922